



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Iconicidade na Comunicação Hipnótica

Hugo Nogueira Gonçalves

Orientador: Prof. Dr. Maurício S. Neubern

Brasília – DF

2019

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Iconicidade na Comunicação Hipnótica

Hugo Nogueira Gonçalves

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Maurício S. Neubern

Brasília – DF

2019

**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia**

Iconicidade na Comunicação Hipnótica

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Maurício da Silva Neubern – Presidente

Universidade de Brasília – PPG/PsiCC PCL/IP – UnB

Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa – Membro Interno

Universidade de Brasília – PPG/PsiCC PCL/IP – UnB

Profa; Dra. Maristela Rossato – Membro Externo

Universidade de Brasília – PPG/PDS PED/IP – UnB

Profa. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard – Membro Suplente

Universidade de Brasília – PPG/PsiCC PCL/IP – UnB

Brasília, junho de 2019

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Maurício Neubern, por me ensinar todos os dias o que é ser um Psicólogo e um Pesquisador comprometido com a excelência e a ética, e me fazer me apaixonar pelo conhecimento pelo exemplo e paciência.

Agradeço à minha família, meus pais Paulo Roberto Gonçalves e Helena Cristina N. Gonçalves, meu irmão Caio N. Gonçalves, Naná e Lucirene, e meu vô Job, pelo carinho, por me apoiarem em meus sonhos e compreenderem a importância que esta empreitada tem em minha vida.

Agradeço à Elizabeth Quintiliano, pela infindável amizade, por me ajudar a vencer minhas próprias limitações, por acreditar em mim, se dedicar a expandir meu pensamento e me ensinar a colocá-lo no papel.

Agradeço aos Grandes Mestres, passados e presentes, cuja dedicação sobrenatural e inabalável me permitiu chegar até aqui. As virtudes de suas obras transcendem carne, osso, papel, tinta e matéria, mostrando o que pode guiar um homem para além de suas adversidades e rumo a propósitos maiores.

Agradeço aos amigos que acompanharam essa caminhada, Jones Ferreira, João Antônio, Margot Dravet, Murillo Rodrigues, Daniel Goulart, Rodrigo e Lucas Melo, Marco Antonio, Gustavo Arcanjo, Marina Oliveira, Jacqueline Marra e Daniel Araújo.

Agradeço ao grupo CHYS pelos aprendizados e trocas.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro da pesquisa.

Resumo

Esta dissertação, por meio de uma elaboração teórica, tem como objetivo de compreender o papel da iconicidade na comunicação hipnótica, especialmente sua participação na reconfiguração de experiências e o modo que se apresenta nas técnicas hipnóticas de Milton Erickson. Partindo do conceito de iconicidade, capacidade dos signos de transmitirem qualidades de seus objetos, destaca-se como este pode trazer esclarecimentos sobre a forma que a comunicação hipnótica favorece reconfigurações de experiência e sobre as especificidades dos processos comunicativos das técnicas de Milton Erickson. O trabalho foi dividido em um capítulo de fundamentação teórica onde se encontram detalhados conceitos importantes aos campos da semiótica e da hipnose; um capítulo de aproximações e implicações teóricas no qual são traçadas relações entre o pensamento de Charles Peirce e Milton Erickson e as implicações que seus estudos trazem às questões da indução hipnótica e a forma de se pensar a consciência; três capítulos nos quais constam estudos de casos de Milton Erickson seguidos de discussões clínicas e aproximações entre as técnicas hipnóticas aos níveis fenomenológicos da experiência e às produções semióticas correspondentes, focando aspectos de iconicidade; e considerações finais onde desenvolveu-se reflexões gerais sobre os temas do estudo, ressaltando as características em termos de iconicidade, a técnica hipnótica e a reconfiguração da experiência, assim como discutiu-se possíveis contribuições referentes à dicotomia entre padrões e processos simbólicos. Desta forma, a fundamentação teórica expôs as bases fenomenológicas de Peirce, seu conceito de signo e semiose, as classes relação entre signos e seus elementos e a noção de iconicidade que surge de sua obra. Em relação a hipnose, descreveu a trajetória de Milton Erickson, seus princípios clínicos com ênfase na utilização, uma breve descrição de técnicas principais e os fenômenos hipnóticos que são capazes de suscitar. O capítulo de aproximações e implicações teóricas demonstra o pensamento pragmático e a apreciação fenomenológica que perpassa a obra de ambos, e os possíveis motivos de diferentes formas de divulgação de seus pensamentos. Também se elaborou sobre a predominância de uma dimensão Primeira na experiência de transe e como difere do estado de vigília, o teor icônico e remático da comunicação indireta de Milton Erickson, e novas possibilidades de se pensar a indução hipnótica. No capítulo de iconicidade no entremeamento descreve como a técnica elabora uma regularidade simbólica junto às leis de funcionamento do sujeito e insere signos capazes de alterar a formas de atuação vigentes. No caso do capítulo 4, os contos de história demonstraram uma grande capacidade de comunicação alegórica, mesmo enquanto exercem outras funções relativas à manutenção e potencialização de sugestões. O último estudo de caso caracteriza o drama enquanto uma forma de comunicação metafórica ou alegórica que, através do papel dramático, influencia os processos interpretativos do sujeito. As considerações finais destacam como a iconicidade da comunicação hipnótica, em todos os casos apresentados, faz emergir no sujeito ícones dos quais se constituem novas formas de configuração, e como esta perspectiva escapa reificações em torno de padrões e produção de significados.

Palavras-chave: hipnose, iconicidade, comunicação hipnótica, semiótica, transe.

Abstract

This dissertation, through a theoretical elaboration, aims to understand the role of iconicity in hypnotic communication, especially its participation in the reconfiguration of experiences and the way that presents itself in the hypnotic techniques of Milton Erickson. Starting from the concept of iconicity, the signs capacity to transmit it's objects qualities, it's emphasized how it can clarify the way that hypnotic communication favors reconfigurations of experience and the specificities of the communicative processes of Milton Erickson's techniques. The work was divided in a chapter of theoretical foundation where concepts important to the fields of semiotics and hypnosis are detailed; a chapter of approximations and theoretical implications in which are drawn relations between the thought of Charles Peirce and Milton Erickson and the implications that his studies bring to the questions of hypnotic induction and the way of thinking consciousness; three chapters which contain case studies of Milton Erickson are followed by clinical discussions and approximations between the hypnotic techniques at the phenomenological levels of experience and corresponding semiotic productions, focusing on aspects of iconicity; and final considerations, where general reflections about the study's themes were developed, emphasizing the characteristics in terms of iconicity, hypnotic technique and reconfiguration of the experience, as well as possible contributions regarding the dichotomy between patterns and symbolic processes. As such, the theoretical foundation presented the phenomenological bases of Peirce, his concepts of sign and semiosis, the relation between signs and their elements and the notion of iconicity that arises from his work. In relation to hypnosis, it described Milton Erickson's trajectory, his clinical principles with emphasis on utilization, a brief description of major techniques, and the hypnotic phenomena that they are capable of eliciting. The chapter on approximations and theoretical implications demonstrates the pragmatic thinking and phenomenological appreciation that permeates the work of both, and the possible motives for such different ways of spreading their knowledge. It also elaborates on the predominance of a First dimension in the trance experience and how it differs from the waking state, the iconic and rhetorical content of Milton Erickson's indirect communication, and new possibilities for hypnotic induction. In the chapter of iconicity in the interpersonal technique it describes how the technique creates a symbolic regularity next to the laws of functioning of the subject and inserts signs capable of altering the current forms of actuation. In the case of chapter 4, storytelling has demonstrated a great capacity for allegorical communication, even while performing other functions related to the maintenance and potentialization of suggestions. The latter case study characterizes drama as a form of metaphorical or allegorical communication that, through the dramatic role, influences the interpretation processes of the subject. The final considerations highlight how the iconicity of hypnotic communication, in all the cases presented, elicits in the subject icons that constitute new forms of configuration, and how this perspective escapes reifications surrounding patterns and meaning production.

Keywords: hypnosis, iconicity, hypnotic communication, semiotics, trance.

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1 - Fundamentação Teórica da Pesquisa	6
1.1) Semiótica.....	6
1.1.1) As categorias fenomenológicas.....	8
1.1.2) Signo e semiose.....	10
1.1.3) Hábitos.....	13
1.1.4) Classes de signos.....	15
1.1.5) Hipóícones: imagens, diagramas, metáforas e alegorias.....	18
1.1.6) Iconicidade.....	21
1.2) Hipnose.....	22
1.2.1) Hipnose Ericksoniana.....	24
1.2.2) Princípios clínicos.....	25
1.2.3) Técnicas.....	30
1.2.4) Fenômenos hipnóticos.....	33
Capítulo 2 Aproximações e Implicações Teóricas	36
2.1) Relações entre o pensamento Peirceano e o pensamento Ericksoniano.....	36
2.2) Relação da Semiótica com a Hipnose	40
Capítulo 3 – Iconicidade e Entremeamento	45
3.1) Entremeamento	45
3.2) Conceito	45
3.3) Caso 1.....	46
3.4) Explicação Clínica.....	48
3.5) Semiótica e Iconicidade	49
3.6) Reconfiguração da Experiência	53
Capítulo 4 – Iconicidade do Conto de Histórias	56
4.1) Contos de histórias.....	56
4.2) Conceito	57
4.3) Caso 2.....	59
4.4) Explicações Clínicas.....	63
4.5) Semiótica e Iconicidade	64
4.5.1) O pé de tomate.....	64
4.5.2) Entremeamentos.....	67
4.6) Reconfigurações de Experiência.....	68

Capítulo 5 – Iconicidade no Drama Ericksoniano.....	72
5.1) Drama	72
5.2) Conceito	72
5.3) Caso 3	72
5.4) Explicações Clínicas.....	81
5.5) Explicações Semióticas	85
5.6) Iconicidade e Reconfiguração da Experiência.....	88
Considerações finais	91
Referências.....	96

Lista de Figuras

Figura 1. Mapa da relação entre Filosofia, Lógica e Semiótica.....	7
Figura 2. Semiose simplificada	13
Figura 3. Classes entre Signo, Objeto e Interpretante	20

Introdução

A hipnose, apesar de seu histórico enquanto mãe de diversas linhas de pensamento em psicoterapia (Neubern 2009), é marginalizada dentro da própria psicologia enquanto objeto de pesquisa relevante e abordagem de psicoterapêutica legítima. Assim, pouco se encontra em espaços de discussão acadêmica como um fenômeno importante de reflexão teórica e aqueles que desenvolveram suas propostas foram desconsiderados nas narrativas vigentes da história da psicologia enquanto campo (Neubern, 2009; 2018).

Nas últimas décadas, porém, a hipnose foi retomada enquanto interesse de pesquisa pelo campo médico devido sua eficácia na evocação de fenômenos hipnóticos relevantes à área como a anestesia e analgesia (Ardigo et al, 2016; Jensen et al., 2016; Saltis, Tan & Cyna, 2017). Nesta perspectiva, as pesquisas tem se limitado a concepção na qual a hipnose se assemelha a um medicamento com a função de controlar sintomas (Neubern, 2016a), nas quais o foco adotado é o aprimoramento da técnica com finalidade de um aumento de eficácia (Jensen & Turk, 2014). A reflexão teórica referente aos processos comunicativos, a emergência da experiência de transe e como constitui, em termos de processos psíquicos, um campo de potencial terapêutico continua, todavia, eclipsada por uma priorização tecnicista.

Como consequência desta perspectiva, a obra de Milton Erickson (Erickson & Rossi, 1980), que trouxe contribuições inovadoras para a comunicação hipnótica e formas de se pensar as mudanças terapêuticas, pouco foram aproveitadas em sua complexidade. Neubern (2016b), psicólogo e pesquisador contemporâneo em hipnose, concebe a comunicação hipnótica em relação aos processos comunicativos envolvidos na evocação, condução e manutenção da experiência de transe. Já a experiência de transe se constitui enquanto as alterações das referências eu-mundo como tempo, espaço, matéria, causa, alteridade, que sustentam a atuação da consciência em seu estado de vigília. Estas concepções tem se demonstrado frutíferas e permitido maior compreensão dos processos hipnóticos e das especificidades da comunicação

de Milton Erickson junto a uma perspectiva semiótica (Peirce, 1958), mais especificamente, os aspectos de iconicidade (Neubern & Nogueira, 2019).

A iconicidade (Jappy, 2013; Nöth, 2015), a capacidade dos signos de transmitirem e suscitarem as qualidades de seus objetos, tem sido estudada em relação a campos distintos, mas que envolvem a interpretabilidade de signos em relação a processos comunicativos. Signo é conceituado como qualquer coisa que de um lado é determinado por um objeto, existente ou não, e do outro determina uma ideia na mente de uma pessoa (CP 8.343). Assim, o conceito de iconicidade tem contribuído na compreensão dos processos de geração de significados nos campos de mídias visuais (Jappy, 2013), literatura, linguística e simbolismo sonoro (Hiraga, Herlofsky, Shinohara & Akita, 2015). Acredita-se que o campo da hipnoterapia, apesar de dispor de outras condições de estudo devida à dimensão relacional, efêmero e subjetiva da experiência de transe, se beneficia de uma perspectiva de iconicidade e semiótica quanto ao esclarecimento dos elementos que compõem a comunicação hipnótica, como promovem reconfigurações de experiência do sujeito e das distinções comunicativas das técnicas de Milton Erickson.

Objetivos

Neste sentido, é **objetivo geral** deste estudo compreender o papel da iconicidade na comunicação hipnótica. E são **objetivos específicos: 1)** destacar como a iconicidade auxilia na reconfiguração da experiência do sujeito e; **2)** destacar os possíveis papéis da iconicidade nas técnicas hipnóticas.

Metodologia

As escolhas pelos respectivos autores parte da importância que exerceram em seus campos de atuação. Milton Erickson (Erickson & Rossi, 1980) se sobressaiu enquanto clínico

pelas inovações em termos de técnicas hipnóticas (Erickson & Rossi, 1979) e em propostas de intervenções terapêuticas não-convencionais que obtinham resultados muito acima dos esperados de uma psicoterapia (Haley, 1991). Estudos de suas obras tem demonstrado formas de se pensar a clínica e o funcionamento inconsciente (Neubern & Nogueira, 2019) que levantam questionamentos relevantes para as linhas contemporâneas de psicoterapia e suas concepções de sujeito.

Já a escolha por Charles Peirce (1958) se deve a alguns fatores: o conceito de iconicidade deriva de sua obra em torno da semiótica e sua teoria geral dos signos, as formas de relações lógicas que estabelece entre as categorias que criou se fundamentam sobre uma profunda apreciação fenomenológica da realidade, se assemelhando aos princípios sob os quais Erickson se pautava. Ademais, seu sistema semiótico é construído sobre as formas que a mente apreende e se desenvolve a partir das diversas experiências que lhe são apresentadas, incluindo níveis concretos e simbólicos. Desta forma, tanto os signos podem ser associados às técnicas hipnóticas quanto a experiência hipnótica à sua fenomenologia.

A fundamentação teórica de Peirce é apresentada neste trabalho com um sistema de referência convencionado entre os estudiosos do campo da semiótica, mas não-convencional ao formato dos estudos em psicologia. Esta escolha foi feita por motivos de acessibilidade do leitor e especificidade da referência. Este formato é conciso e preciso no nível de parágrafo, pontuando trechos em que Peirce apresenta conceitos que fundamentam toda sua obra e distinção entre categorias de signos, e é utilizado por grandes pesquisadores do campo (Colapietro, 2004; 2014; 2016; Hiraga et al, 2015; Jappy, 2013; Nöth, 2016; Santaella, 2000; 2009). As referências com as siglas *CP* se referem aos *Collected Papers* de Peirce (1958) que se encontram divididos em 8 volumes, cada um contendo diversos livros que remetem a textos publicados e manuscritos não publicados que não se encontram em ordem cronológica. E referências começadas pela sigla *EP 2* remetem a obra *Essential Peirce* volume 2 (Peirce,

1998). Apresentá-las no formato APA não só decorreria na citação repetida de duas fontes ao longo de toda a fundamentação teórica, como reduziria drasticamente a precisão das referências aos conceitos.

O trabalho, para atingir seus objetivos, contará com as seguintes etapas. Inicialmente, um capítulo de fundamentação teórica, com o intuito de explicitar com clareza os conceitos que fundamentam a presente dissertação. Sendo essencialmente teórica, esta necessita de um bom embasamento conceitual, seja para explicar melhor ao leitor os complexos conceitos desenvolvidos por Peirce ao longo de sua vida obras filosóficas, seja para se possibilitar uma compreensão mais precisa dos termos ligados à hipnose de Erickson, também altamente complexos. É importante ressaltar que, dada a considerável dificuldade presente em ambas as obras, muitas vezes se recorreu a estudiosos de seus campos mais conceituados de maneira a facilitar o processo de compreensão, também como forma de situar este trabalho e futuras publicações dele decorrentes num campo possível de diálogo com estes pares.

Em seguida, um capítulo demonstrando as relações traçáveis entre o pensamento de Erickson e Peirce após o aprofundamento em suas obras, e as relações teóricas que demonstram a pertinência da aproximação entre os campos da semiótica e da hipnose. Nesta etapa se desenvolvem questões em torno das concepções de cada autor sobre os processos produtores de significados e princípios que guiaram a sistematização e divulgação de seus pensamentos. Assim como as teorias se entrelaçam e geram implicações ao processo de indução hipnótica, a constituição da experiência de transe e as alterações da atuação da consciência ordinária.

Logo após, o trabalho trará três breves estudos de caso, coletados junto às obras de Erickson (1966; 1983; Erickson & Rossi 1979). Foram escolhidos por representarem, em algum nível, uma confluência possível entre a hipnose de Erickson e a obra de Peirce, ou seja, aproximando as técnicas hipnóticas aos níveis fenomenológicos da experiência e às produções semióticas correspondentes, plenas de iconicidade. Certamente, muitos outros casos poderiam

ser aqui acrescentados, mas entende-se que, além dos limites de espaço para a dissertação, estes casos são legítimos representantes da obra de Erickson e ainda permitem esta aproximação, principalmente porque favorecem uma leitura mais clara da iconicidade e de suas possíveis repercussões na subjetividade dos sujeitos.

É certo que os elementos disponíveis em tais relatos feitos por Erickson não permitem um aprofundamento sobre o tópico reconfiguração da experiência, que demandaria, para tanto, estudos muito mais detalhados e, talvez melhor, registrados. Deve-se ressaltar que este tópico será desenvolvido muito mais em termos de possibilidades interpretativas do que de uma análise metodológica precisa, mas esta é uma limitação assumida pelo autor do trabalho, dados os limites que o norteiam. Ao mesmo tempo, deve-se destacar que, embora as informações não sejam numerosas, é possível que se desenvolvam certas leituras com razoável grau de pertinência a partir de uma ótica qualitativa (Neubern, 2017). Em uma palavra, as interpretações possuem um espectro possível de legitimidade, não sendo aleatórias, nem frágeis.

Por fim, nas considerações finais, serão desenvolvidas algumas reflexões gerais sobre os tópicos aqui trabalhados, de maneira a se destacar suas principais características em termos de iconicidade, a técnica hipnótica e a reconfiguração de experiência. Outro tópico também levantado nessa sessão será a dicotomia, presente na prática psicoterápica, entre padrões e processos simbólicos, ponto que, em larga medida, tende a ser superado pela leitura semiótica aqui desenvolvida (Neubern, 2016b).

Capítulo 1

Fundamentação Teórica da Pesquisa

1.1) Semiótica

Duas teorias sobre o signo foram desenvolvidas simultaneamente no início do século XX, a semiótica de Charles S. Peirce nos Estados Unidos da América, e a semiologia de Ferdinand de Saussure na Europa (Jappy, 2013). O presente trabalho tem como foco o trabalho de Peirce, a Semiótica, que é concebida contemporaneamente a ciência que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como possível produtor de significação e de sentido (Santaella, 2009).

Inicialmente, Peirce pensava a filosofia como uma Ciência do Descobrimento no sentido de que na filosofia busca-se descobrir aquilo que é verdadeiro, mas se limita ao quanto de verdade pode-se inferir da experiência comum (CP 1.184). Pensava, então, a filosofia dividida em Fenomenologia, Ciências Normativas e Metafísica. A Lógica viria a se encontrar dentro da categoria de Ciências Normativas, que teriam o papel de distinguir o que deve ser do que não deve ser, fazendo várias outras divisões e arranjos subservientes dessa primeira distinção dualista (CP 1.186). Dentro dessa concepção, a Lógica divide espaço com a Estética e Práticas (CP 1.191; 1.574).

A concepção de Lógica de Peirce foi rapidamente se desenvolvendo ao longo dos anos, quando expôs seu primeiro sistema semiótico conciso e as classificações dos signos, seu conceito de Lógica e os campos que a compunham tornaram claro que pensava Lógica como uma filosofia de representação. Esses campos eram a Gramática Especulativa, Lógica Crítica e Retórica Especulativa. A Gramática Especulativa concerniria ao que constitui um signo e como funcionam, aqui se encontra sua teoria geral dos signos. A Lógica Crítica classificaria os tipos de signos e verificaria a validade e efeito de cada classe. E a Retórica Especulativa estudaria as

condições sob as quais as várias classes de signo determinam seu efeito sobre o intérprete (CP 1.191; Jappy, 2013).

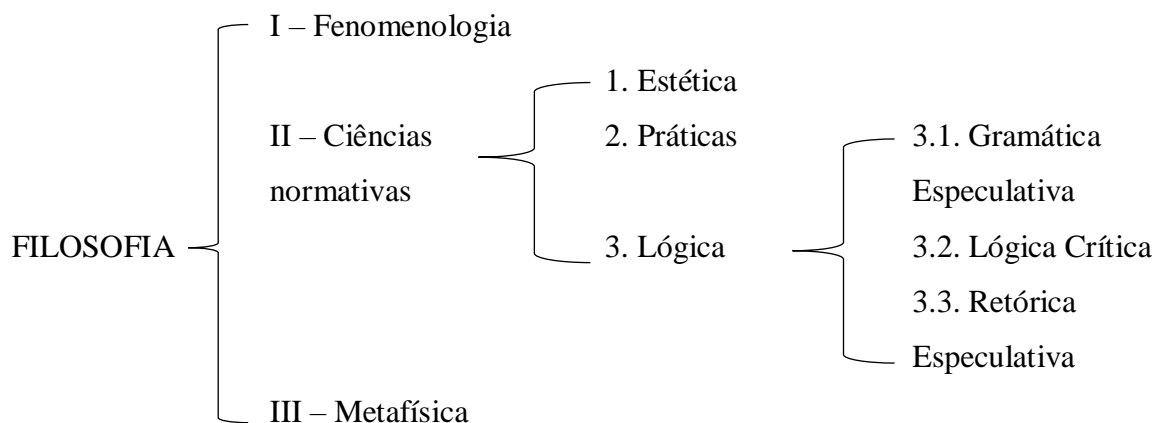


Figura 1. Mapa da relação entre Filosofia, Lógica e Semiótica

Assim, o sistema semiótico de Peirce não se equivale a Lógica no sentido de discernir certo ou errado em afirmações absolutas, mas na perspectiva de conceber os vários processos necessários para uma consciência gerar significado, aprendizado, pensamento, argumentação ou raciocínio a partir da relação com a realidade. Peirce, ao se endereçar à parte observacional da filosofia, expressou como um homem gera algo a partir da experiência cotidiana, mas todo homem também passa a ser imbuído de opiniões filosóficas que afetam a forma que percebe as mais variadas experiências (CP 1.134). A tarefa se demonstrou laboriosa e desafiadora por estudar os elementos da experiência que de tão presentes e não contrastados por outras experiências, não despertam nossa atenção mesmo que constantemente frente à nossas faces. No entanto, dedicou treze anos de sua vida na busca de categorias universalmente presentes em todos os fenômenos (Santaella, 2000, 2009), desacreditado em suas próprias conclusões, Peirce chegou a três categorias às quais tentou repetidamente refutar colocando-as a prova de diversos campos de estudo diferentes (CP 8.328). Sem sucesso, estas três categorias perduraram e tornaram-se a base de sua teoria geral dos signos.

1.1.1) As categorias fenomenológicas.

Partindo de longos estudos sobre os elementos da experiência em torno dos *phanerons*, que Peirce conceituou no tardar de sua vida como “tudo que se apresenta à mente em qualquer sentido ou forma independente de fato ou figmento” (CP 8.213) e “um nome para denotar o conteúdo total da consciência de alguém” (EP 2:362), chegou a três categorias para as quais criou palavras que as nomeassem. Seu intuito era evitar que caso nomeasse as categorias com termos já conhecidos seus leitores se ativessem a seus outros significados deturpando o entendimento da categoria, mesmo que involuntariamente (Santaella, 2009). São elas Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Aqueles que se deparam com seus títulos, sem conhecimento de seu conteúdo, comumente as associam a um caráter ordinal, um vem primeiro, seguido de um segundo e conseqüentemente um terceiro, e essa interpretação restrita facilita a compreensão das categorias.

A Primeiridade é a categoria de qualidade indiferenciada, instante presente, sentimento, potencialidade, imediação, mônada (CP 1.302 – 305, 2.85; Jappy, 2013; Santaella, 2000). É a dimensão do inexpressável, das qualidades que compõem toda e qualquer experiência, de uma tinta vermelha, é a vermelhidade, de uma bola, é a redondeza, de um cheiro doce, a doçura em si. Esta categoria se trata das qualidades que se expressam de forma limitada nas características indivisíveis que substanciam qualquer fenômeno fazendo-os ser o que são. É impossível separar a vermelhidade da tinta vermelha, nem a tinta vermelha é capaz de expressar todas as potencialidades de vermelho. Por ser uma categoria que se refere ao tempo presente e a imediação, naturalmente traz consigo a obscuridade e dificuldade de se conceber um momento de absoluta presentidade, independente de passado e futuro ou qualquer forma de binaridade, no entanto, propondo este exercício, Peirce discute como em tal momento consistiria em qualidade de sentimento não analisado, isento de qualquer forma de ação ou comparação.

Sentimentos, assim, na sua forma mais sutil, sem self, apenas seus próprios tons, incluem-se na Primeiridade (CP 2.85).

Peirce descreve em uma correspondência a Primeiridade como “o modo de ser daquilo que é como é, positivamente e sem referência a qualquer outra coisa” (CP 8.328). As qualidades em si não pertencem ao meio nas quais se manifestam, independem de serem percebidas ou recordadas. A nitidez ou obscuridade de uma memória podem ser elementos constituintes da experiência, no entanto sua existência não está atrelada à memória. O sentimento de amor ou raiva presente no conjunto de sensações que compõem a reação emocional de olhar alguma pessoa específica inegavelmente anima a experiência de forma essencial, no entanto, quando pensamos em amor ou raiva não os pensamos dependentes dessa experiência (CP 8.329).

A Secundidade é, de forma breve, a categoria de relação, existência, ação-reação, compulsão, força bruta, esforço e resistência, singularidade, aqui e agora, díade. A Primeiridade independe da Secundidade e Terceiridade, no entanto a Secundidade é incapaz de existir sem a instância Primeira ao mesmo tempo que independe da Terceiridade. A Secundidade fala de um mundo que existe independente do eu, de um mundo material que não se molda ao pensamento e a mera vontade, que resiste, que age sobre nós, nos exige e nos leva a reagir, e assim gera relação (CP 1.358). Aqui a qualidade pura e plena da instância Primeira encontra sua barreira material, sua limitação para que se expresse. A doçura do açúcar, por melhor que seja, não é doçura em sua plenitude, as cores restringem-se a tons capazes de expressá-las em pigmentos e luzes e separadamente somos limitados pelo espectro de cores que nosso aparelho perceptivo nos permite experienciar. Sons, luzes, cheiros, toques, gostos, peso entre tantos outros estímulos agem sobre nós e reagimos em retorno externamente ou internamente, mesmo que no mero reconhecimento de que se escutou ou viu algo. Emoções se demonstram do domínio da Secundidade também, seja um cheiro desagradável ou o relato de uma ação deplorável podem nos levar a reagir com tamanho nojo que desencadeia respostas internas e corpóreas.

Ao contrário da Primeiridade, daquilo que é inefável, sutil e fugaz, a Secundidade se apresenta bruta, dura, insistentemente presente e por isso também familiar. Este conflito, esta limitação, resistência é o que nos exige interagir com o mundo e, torna possível aprender pelas experiências, pois torna possível o erro (Colapietro, 2016).

A Terceiridade é a categoria de mediação, generalidade, memórias, hábitos, leis, signos, representação, triádica. Ao contrário da Primeiridade, cujo tempo é presente e possui caráter abstrato e indiferenciado, a Terceiridade está relacionada a determinações, intenções, expectativas, seu tempo é *in futuro* (CP 2.86-89). A Terceiridade relaciona um Primeiro (a ideia de azedo) com um Segundo (limão) que estão representados em um Terceiro, o signo que chega até o intérprete. É nesse campo que ocorrem as sínteses intelectuais advindas das experiências, bater o pé e sentir dor nos permite compreender em várias instâncias que bater o pé dói, essa lei geral, por mais simplória e situacional que seja, nos facilita interpretar outras situações. Para isso a mente gera um novo signo que se torna representante mais ou menos fiel daquela experiência. Em relação ao que este novo signo representa, ele é categorizado como símbolo, um tipo de signo que ele próprio é mediação com uma generalidade. Esta categoria ficará mais clara na próxima sessão quando explicarmos o que é um signo, semiose (ação do signo) e como ela leva a mente a gerar novos signos (interpretante).

1.1.2) Signo e semiose.

O conceito de signo de Peirce foi descrito mais de setenta formas diferentes (Jappy, 2013), porém, todas envolviam uma tríade irreduzível do que chamava de semiose, ou a ação do signo na mente. Este trecho de uma de suas correspondências à Lady Welby (CP 8.343) fornece uma compreensão madura ao mesmo tempo que acessível de como pensava o signo:

Eu defino um Signo como qualquer coisa que de um lado é determinada por um Objeto e do outro determina uma ideia na mente de uma pessoa, e essa determinação

posterior, que eu denomino Interpretante do signo, é assim mediadamente determinado por aquele Objeto. Um Signo, assim, tem uma relação triádica com seu Objeto e com seu Interpretante. (CP 8.343)

O trecho corrobora com outros escritos em que define signo como um veículo que transmite uma ideia à mente de alguém (CP 1.339), essa ideia é determinada por um Objeto que, mediada pelo signo, gera na mente do intérprete outro signo, o Interpretante. Peirce continua “[...] Mas é necessário distinguir o Objeto Imediato, ou o Objeto como o Signo o representa, do Objeto Dinâmico, ou Objeto bem eficiente mas não imediatamente presente. [...]” (CP 8.343). então temos dois conceitos de Objeto que entram em efeito na semiose, o Objeto Imediato e o Objeto Dinâmico. Em uma carta para William James a diferença se torna mais clara:

Precisamos distinguir entre o Objeto Imediato – i.e., o Objeto como representado no signo, - e o Real (não, porque talvez o Objeto seja totalmente fictício, eu preciso escolher um termo diferente; assim sendo;), digamos o Objeto Dinâmico, que, da natureza das coisas, o Signo não pode expressar, ele pode apenas *indicar* e deixar o intérprete descobrir por experiências colaterais. (EP 2:498).

Exemplificando, o desenho de um elefante, mesmo que plano e limitado em seus detalhes, transmite ao intérprete a ideia de elefante. Os traços, as formas que o autor manifestou no papel e que constituem materialmente o signo são o Objeto Imediato, a espécie animal ou talvez o animal em particular que o autor retratou, são o Objeto Dinâmico.

Assim como estão presentes na semiose dois objetos concomitantemente, Peirce identificou três Interpretantes os quais nomeou de Interpretante Imediato, Interpretante Dinâmico e Interpretante Final (CP 8.343). O Interpretante Imediato, é aquele que está representado no próprio Signo, lhe provendo uma interpretabilidade própria antes de ter qualquer intérprete. Já o Interpretante Dinâmico, seria o efeito atualmente produzido na mente

pelo Signo após o ato da interpretação. E, o Interpretante Final, constitui-se como o efeito que seria produzido na mente pelo Signo depois de um desenvolvimento suficiente do pensamento.

Retomando o exemplo do desenho de um elefante, este desenho tem sua interpretabilidade que o permite ser reconhecido como um elefante e não uma fruta, este aspecto é o Interpretante Imediato. As interpretações que cada mente faz ao se depararem com o desenho, que são únicas e mutáveis, são o Interpretante Dinâmico. O desenho tende a ser interpretado enquanto um elefante assim como foi a intenção, assim sendo o Interpretante Final. Enquanto o Interpretante Dinâmico se refere a como uma mente específica interpreta o signo, o Interpretante Final concerne a uma generalidade do que seria a interpretação que comporta o máximo que o signo transmite. Como coloca Santaella (2000), o interpretante final é um limite sógnico inatingível, mas logicamente determinável.

O conceito de Interpretante traz uma importante dimensão subjetiva e falível dos atos interpretativos exercidos por qualquer mente, tornando a semiose um processo muito mais diverso do que a mera transmissão plena de um objeto a uma mente. No entanto, o signo não está passivamente sujeito a subjetividade alheia, ele possui aspectos próprios que determinam sua interpretabilidade e que direcionam e limitam suas possíveis interpretações. Outro aspecto implicado nos conceitos de Interpretante Dinâmico e Interpretante Final é que a semiose não ocorre instantaneamente, ela é um processo e a mutabilidade do Interpretante Dinâmico envolve necessariamente uma temporalidade (Colapietro, 2004).

Na figura 2 consta um diagrama simplificado do processo de semiose como ilustrado por Jappy (2013). A linha sólida separando os dois planos se faz pelas exigências existenciais necessárias para a manifestação do signo, o intérprete é apresentado sempre ao signo, nunca à totalidade do objeto. A linha tracejada mostra a impermissível relação direta entre objeto e interpretante.

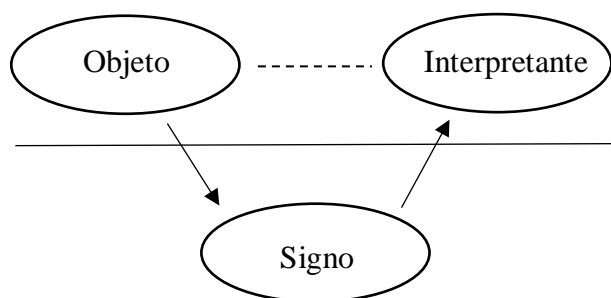


Figura 2. Semiose simplificada

Um aspecto importante da semiose é que interpretantes, que são signos, em outros movimentos podem assumir o papel de signo, gerando novos interpretantes. Os interpretantes gerados vão se organizando em tendências e formas de regularidade, permitindo inteligibilidade e aquisição de conhecimento. Esta capacidade de retenção dos signos Peirce nomeou de Hábitos.

1.1.3) Hábitos.

Para pensarmos em hábitos é necessário inicialmente compreender o uso do termo enquanto qualquer forma de regularidade ou tendência. Onde há relação ou qualquer forma de continuidade, seja na mente ou na matéria e em formas inanimadas, para Peirce, há hábito (CP 1.409). Átomos tendem a se agrupar formando moléculas, certos compostos químicos costumam agir de formas específicas ou portar certas propriedades, assim demonstrando hábito também no que é inanimado.

Na mente, Peirce estende hábitos a formas de se compreender tendências e disposições, uma diferença clara da compreensão comum do termo enquanto repetição adquirida. “[...] algum princípio geral atuando na natureza de um homem a determinar como agirá, então um instinto, no sentido próprio da palavra é um hábito herdado, ou no sentido mais preciso da língua, uma disposição herdada.” (CP 2.170). As várias ações fisiológicas de manutenção de um organismo, os aprendizados essenciais da infância desde vivenciar o que são sensações

prazerosas e aversivas, aprender a locomover-se, adquirir linguagem falada, são hábitos, tanto as disposições que permitem a experiência quanto o conhecimento por ela adquirido. Hábitos não são algo do meio externo nem algo ao qual escolhemos ou não desenvolver ou nos engajar, são parte constituinte do ser, da consciência e da identidade (Colapietro, 2016; Nöth, 2016).

O que nos leva a outra implicação do conceito de hábito de Peirce, é o princípio de formar hábitos que permite a inteligibilidade (CP 6.86). Apenas onde há alguma forma de continuidade, de generalidade, de relação, mesmo que de oposição, é possível evocar ideias. Para que qualquer coisa cresça ou se desenvolva em sua complexidade é necessária alguma noção de continuidade. Hábitos são interpretantes de diversas semioses das mais diferentes classificações de signo que se apresentam durante a existência.

A formação e desenvolvimento de hábitos não é linear, frequentemente nossos hábitos se demonstram inadequados para as situações em que nos encontramos e exigem mudanças, drásticas ou minúsculas, para atender tais demandas. Entretanto, repetidamente nossos esforços para mudança de hábitos encontram resistências, impedimentos e frustrações, revelando um Self agente que conduz esforços objetivando a alteração do hábito por meio de ensaios mentais e argumentações lógicas, assim como demonstra o hábito em questão como membro de uma malha de hábitos atuando em diversas instâncias do ser. Nesta perspectiva que Colapietro (2004) descreve a teoria de signos de Peirce como um drama de auto-correção.

Aqui desdobram-se mais três aspectos de vital importância concernindo hábitos: 1) Nossas semioses e a forma que geram interpretantes são regidas por hábitos, leis mentais mutáveis. 2) Geramos hábitos de mudança de hábitos, que conduzem tanto a forma de novos hábitos como o abandono de hábitos inadequados. 3) Nossos ensaios mentais geram interpretantes que exercem em nossos hábitos influência de mesma capacidade de mudança que semioses de signos materiais ou externos.

Desta forma, os debates em torno dos processos de autorreflexão, autocrítica e autocontrole que envolvem o self se concentram em torno dos conceitos de hábito. Já suas categorias e teoria de signos tentam prover os recursos heurísticos para se fazer sentido do que pode ser encontrado na experiência humana ou do que possa ser conjurado na imaginação (Colapietro, 2016). Assim, prosseguimos para as classificações de signos.

1.1.4) Classes de signos.

Peirce criou dez classificações triádicas relativas ao signo, os objetos imediato e dinâmico, e os interpretantes imediato, dinâmico e final. Os aspectos que determinam essas divisões são 1) modo de apreensão do próprio signo; 2) modo de apresentação do objeto imediato; 3) modo de ser do objeto dinâmico; 4) relação do signo com seu objeto dinâmico; 5) modo de apresentação do interpretante imediato; 6) modo de ser do interpretante dinâmico; 7) relação do signo com seu interpretante dinâmico; 8) natureza do interpretante final; 9) relação do signo com o interpretante normal; 10) relação triádica do signo com seu objeto (CP 8.344; Santaella, 2000). No entanto, as mais conhecidas e centrais para um conhecimento introdutório de semiótica são a primeira, a quarta e a nona. Dentro dessas tríades cada classe faz referência a uma das categorias fenomenológicas.

É importante esclarecer que as classificações de um signo não agem de forma excludente e determinada, um signo ao ser classificado é considerado dentro de uma perspectiva específica daquele se propõe a analisar o signo. Como diz Santaella (2000), nenhum signo pertence exclusivamente a um desses tipos, assim como não há nenhum critério apriorístico que possa infalivelmente decidir como um dado signo realmente funcionará.

1.1.4.1) Signos em relação a si mesmos (S – S).

Em relação a si mesmo um signo pode ser um Qualissigno (primeiridade), um Sinsigno (secundidade) ou um Legissigno (terceiridade). “Um Qualissigno é uma qualidade que é um Signo. Ela não pode de fato agir como um signo até ser encorpada; mas o encorpamento não tem nada a ver com seu caráter enquanto um signo.” (EP 2:291). O Qualissigno é uma mera possibilidade indefinida, uma qualidade percebida acessível apenas pela sua similaridade, mas não encorpada em si. Esta é a classe das qualidades referidas na sessão de Primeiridade.

Um Sinsigno é um objeto ou um evento de fato existente, materializado, mesmo que de forma efêmera. Para tanto, ele necessita de qualidades. Sinsignos necessariamente contêm qualissignos, mas não são as qualidades em si agindo como signo. O prefixo *sin* é utilizado no sentido de único, singular, aqui e agora. Estão ligados a Secundidade por comporem relações diádicas, assim, reconhecimentos, reações, reflexos fazem parte desta classe. Entretanto, todo sinsigno é de alguma forma a atualidade de alguma lei, de algum legissigno (Santaella, 2000).

O Legissigno é uma lei, um caráter geral capaz de gerar interpretantes de acordo, esse poder gerativo é o que o caracteriza. Essa lei é comumente constatada ou convencionada. Os signos $+$ $-$ \times \div nos conduzem a pensar em operações matemáticas devido a uma convenção, assim como uma bandeira nos direciona a pensar em algum determinado país. Uma lei ou uma generalidade se expressam através de sinsignos específicos que Peirce intitulou de Réplicas, pois eles replicam materialmente o legissigno através de uma instância (EP 2: 291).

1.1.4.2) Signos em relação a seus objetos dinâmicos (S – O).

Em relação a seus objetos, signos podem ser Ícones (Primeiridade), Índices (Secundidade), ou Símbolos (Terceiridade). Um Ícone é um signo que representa seu objeto meramente por semelhança, por características de si que estão aptas a evocar o objeto na mente do intérprete, independente do objeto existir de fato ou não. Ele não permite uma interpretação

sólida sobre a existência do objeto. Logo, um desenho simples, uma nuvem semelhante a algo, o cheiro de um perfume, são ícones (CP 5.73). No entanto, todo ícone expresso materialmente é um hipoícone, um sinsigno icônico, desenvolveremos sobre esta classe em breve.

Índices são signos existencialmente conectados aos objetos aos quais fazem referência.

[...] Índices podem ser distinguidos de outros signos, ou representações, por três marcas características: primeiro, que eles não tem semelhança significativa com seus objetos; segundo, que eles se referem a individuais, unidades singulares, coleções singulares de unidades, ou contínuos singulares; terceiro que eles direcionam a atenção a seus objetos por compulsão cega. (CP 2.305).

Assim, Peirce utilizava como exemplo para descrever os índices ações de causa e efeito como um termômetro, uma pegada, um buraco de bala, fotografias, sintomas de doenças, gritos de dor. Nestas situações, se retirado o objeto, não haveria signo (CP 5.73). O termômetro não haveria o que medir sem a existência de temperatura, sem uma bota ou a pessoa que pisasse não haveria aquela pegada. Índices tem conexões dinâmicas com seus objetos.

Os símbolos são signos que são capazes de representar seus objetos devido a uma lei, convenção ou hábito. O signo do símbolo apenas media e conduz o intérprete a uma ideia geral ou lei previamente aprendida. As palavras que escrevemos não representam seus objetos em sua forma ou por uma conexão direta com eles, mas por sermos alfabetizados e compreendermos o alfabeto latino enquanto forma de expressão. Logos de empresas, um livro, placas de trânsito, bandeiras, são exemplos de símbolos.

1.1.4.3) Signos em relação a seus interpretantes finais (S – I).

Quanto a seus interpretantes, signos podem ser Remas (Primeiridade), Dicissignos (Secundidade), ou Argumentos (Terceiridade). Uma Rema é um signo cujo interpretante pode ser compreendido apenas como um objeto possível, uma qualidade, ele é capaz de carregar

alguma informação, mas não é interpretado como tal (EP 2:292). A rema tem uma função proposicional e fundamental aos outros signos.

Dicissignos, ou Dicientes, são signos cujo interpretante é um signo existente de fato. Estes, logo, não podem ser ícones, pois ícones não possibilitam a interpretação de seu objeto enquanto materialmente existente. Assim, envolvem, como parte de si, remas para descreverem o fato que está sendo interpretado enquanto indicado (EP 2:292). Ele é um signo referencial, seu interpretante final é tido como alguma informação sobre algo existente (CP 2.309).

Um Argumento é um signo cujo interpretante final é um signo de lei, uma norma, uma ideia geral. Seu objeto é representado como um signo ulterior, por meio de uma lei. Esta lei legitima a passagem de premissas para conclusões enquanto verdadeiras (EP 2: 296). “Um argumento deve ser compreendido por seu interpretante como derivando validamente uma conclusão de suas premissas porque ele pertence a uma classe de inferências possíveis que se conformam com um princípio guia.” (Santaella, 2000).

1.1.5) Hipoícones: imagens, diagramas, metáforas e alegorias.

Ícones quando expressos são incapazes de manifestar a totalidade de suas características devido às exigências impostas pela materialidade. O qualissigno icônico se materializado deixa de ser uma mera possibilidade para ser um existente. Estes sinsignos icônicos foram nomeados de hipoícones, significando ícones impuros. Eles possuem uma tríade específica que classifica a forma que representam seus objetos: Imagens, Diagramas e Metáforas.

Imagens são hipoícones que simplesmente participam de qualidades simples (CP 2.277). São coleções de qualidade que mesmo sem estruturação funcionam como signo. Assim, formas, texturas, cores, movimentos, sons, podem ser considerados hipoícones imagéticos.

Diagramas, como descritos por Peirce, são hipoícones que representam as relações, principalmente diádicas, das partes de uma coisa por relações análogas em suas próprias partes

(CP 2.277). São signos que de alguma forma tem relações estruturadas entre suas partes e representam seu objeto por meio dessas relações internas. Desta forma que gráficos, imagens de manuais e livros didáticos, frases descritivas, sequências e padrões são diagramas e tem capacidade de nos transmitir alguma informação.

As Metáforas apresentam um grau de complexidade consideravelmente maior do que a imagem e o diagrama. A metáfora faz uma justaposição entre dois signos e seus domínios que se expressam apenas parcialmente no signo metafórico e por convenções e hábitos forma-se o interpretante assimilando informação ao signo de um dos campos após relacionar informações dos dois domínios, é o diagrama exposto no signo metafórico que comunica qual dos signos está se assimilando informação. Quando digo “Este celular é um tijolo” o objeto do signo é composto por dois campos paralelos que concernem aos signos “celular” e “tijolo”, um envolvendo as qualidades e relações de um celular, e no outro as qualidades e relações de um tijolo. Os interpretantes possíveis desse signo textual específico são formados a partir das semelhanças encontradas entre as qualidades desses dois campos e fora de qualquer contexto complementar variam apenas em grau de maior ou menor semelhança. Alguns leitores chegariam ao interpretante de que o celular não funciona mais, logo, tem a mesma utilidade de um tijolo, outros concluiriam que o celular é tão pesado quanto um tijolo, e neste sentido compreenderiam a frase como uma crítica ao peso do aparelho. Em um nível de maior consenso, é possivelmente unânime a compreensão de que a sentença é uma reclamação ou depreciação do celular, pois em questões de valor financeiro, utilidades para a vida cotidiana e a complexidade da constituição do celular comparada ao tijolo, o celular é considerado de maior valor que o tijolo. O diagrama que estrutura este signo textual é de notória importância quando se pensa a diferença dos interpretantes que emergem para a sentença “Este tijolo é um celular”, mudando severamente a ação do signo. Cabe expressar aqui que uma analogia, neste sentido, não é uma forma de metáfora, e sim de diagrama, pois explicita a forma de relação entre suas

partes internas, enquanto a metáfora essencialmente não o faz e por isso excita a produção de vários interpretantes. Enquanto analogia o signo textual ficaria “Este celular pesa como um tijolo”, explicitando claramente a relação entre os dois signos e reduzindo drasticamente os interpretantes possíveis de serem produzidos.

E, por último, vamos considerar aqui mais uma forma de comunicação de hipoícones variante da metáfora, a Alegoria (Jappy, 2013). A alegoria comunica a relação de dois campos paralelos por semelhança entre os elementos neles presentes e as relações de suas partes, mas sem os justapor, o signo apenas comunica os elementos e relações de um dos campos, o campo não expresso é compreendido por experiências colaterais do intérprete, tornando a produção de interpretantes ainda mais diversa do que na metáfora e a apreensão de um possível interpretante final ainda mais distante devido a menor especificidade. É desta forma que as Fábulas de Esopo mesmo sem sua moral explícita geram pensamentos e compreensões reflexivas, e canções como “Cálice” de Chico Buarque são interpretadas como referente a ditadura militar sem fazer qualquer menção diretamente indicativa de seus eventos.

Assim, as classificações apresentadas até o momento podem ser apresentadas na figura 3 da seguinte forma:

	S – S	S – O	S – I
Terceiridade	Legissigno	Símbolo	Argumento
Secundidade	Sinsigno	Índice	Dicissigno
Primeiridade	Qualissigno	Ícone { <ul style="list-style-type: none"> Metáfora Diagrama Imagem 	Rema

Figura 3. Classes entre Signo, Objeto e Interpretante

Há um caráter lógico que deve ser respeitado ao se classificar um signo, sua relação com o objeto ou com o interpretante não pode ser classificada como de maior complexidade do que o próprio signo. Um signo pode ser classificado enquanto legissigno indicial remático, mas não como qualissigno simbólico argumentativo pois tais relações com o objeto e o interpretante exigem um nível de complexidade maior do que um qualissigno fornece. Para um signo ser simbólico ele deve ser um legissigno. Signos podem incluir dentro de si elementos de classes inferiores à sua complexidade, mas não superiores.

1.1.6 Iconicidade.

Após essa exposição de diversos aspectos envolvidos neste complexo processo em que signos comunicam algo e geram algum significado, e entendendo brevemente as peculiaridades que circundam a comunicação dos ícones, a compreensão de um conceito de iconicidade torna-se mais tangível. Iconicidade, vinda do conceito de ícone, inicialmente retrata a capacidade dos signos icônicos de evocarem seus objetos por semelhança, de maneira que estudar a iconicidade de algo é estudar em que formas seus signos e respectivos elementos icônicos se assemelham aos objetos que buscam comunicar e seu papel nos interpretantes que produzem.

Iconicidade também é utilizada no sentido de gradação de semelhança, como um signo pode ser mais ou menos icônico que outro. Um exemplo utilizado por Nöth (2015) torna nítida a diferença:

Para entender o verbo *correr*, a imagem mental diagramática do cenário de “movendo-se para frente com passos rápidos em pés alternados” é necessário. [...] No entanto, esse cenário icônico do verbo na sua forma infinitiva não diz quem está correndo, quando a corrida acontece, ou se alguém está de fato correndo. [...] Em uma frase como *Mary corre*, o sujeito *Mary* e o sufixo verbal da terceira pessoa no tempo presente são índices. Sem essa especificação, o verbo sozinho é apenas um diagrama da

ideia vaga de correr. [...] O verbo na sua forma infinitiva vaga representa a ideia de correr de maneira mais icônica e remática do que qualquer imagem de uma pessoa correndo poderia. (p.30)

Assim como vimos nas classes de hipóícones, fornecer indicadores restringe a produção de interpretantes em um determinado sentido, tornando-o menos remático. Enquanto em suas formas mais icônicas, principalmente as metafóricas e alegóricas, o processo de semiose segue gerando interpretantes de acordo com as lógicas habituais do intérprete.

1.2) Hipnose

Ainda há pouca clareza sobre um conceito do que é de fato hipnose devido seu emaranhamento com a noção de transe e o problema da conceituação de consciência cujos debates perpassam os campos da filosofia, psicologia, biologia e neurociências (Searle, 1997). Parcela de nossa dificuldade parte da própria língua, enquanto no português utilizamos o substantivo consciência, autores como Erickson & Rossi (1980), e pensadores do pragmatismo como Colapietro (2004, 2016) e Nöth (2016) utilizam uma gama de termos como *conscience*, *consciouness*, *awareness*, *conscious awareness*, os quais, apesar de também portarem dificuldade de conceituação, por sua pluralidade e formas de emprego já facilitam de alguma forma um discernimento entre os pesquisadores cuja primeira língua é o inglês. Conceituar hipnose em torno da ideia de estados alterados de consciência, ou *states of awareness*, têm auxiliado o entendimento da mudança do foco de atenção do sujeito em relação à realidade interna-externa característica do estado de transe, mas pouco tem contribuído para a compreensão dos seus processos e os elementos envolvidos.

Estudos qualitativos sobre o fenômeno da hipnose (Neubern, 2016a) têm a concebido enquanto um fenômeno no qual dois processos ocorrem simultaneamente, a experiência de transe e a comunicação hipnótica. Na experiência de transe ocorrem alterações das referências

eu-mundo como tempo, espaço, matéria, causa, alteridade, que sustentam a atuação da consciência ordinária (forma de atuar no chamado estado de vigília). Esta alteração permite a emergência de processos comumente inibidos na lógica de atuação consciência ordinária, que durante o processo encontra-se despotencializada ou atuando parcialmente. Já a comunicação hipnótica refere-se aos processos comunicativos sejam internos ou externos envolvidos na evocação da experiência de transe e na sua condução e manutenção (Neubern, 2016a).

Existem principalmente duas abordagens de hipnose na atualidade, a cognitivista e a naturalista, ambas utilizadas em práticas psicoterápicas. A hipnose cognitivista surge de explicações do fenômeno hipnótico em termos de comportamento e futuramente sob processos da perspectiva cognitivo-comportamental (Ferreira, 2003); e a naturalista que surge das obras de Milton H. Erickson sobre hipnose no século XX (Erickson & Rossi, 1980; Neubern, 2009). As principais diferenças entre as duas abordagens giram em torno das concepções de sugestionabilidade e hipnotizabilidade (Jensen et al., 2016; Pereira, 2017), no emprego da indução hipnótica, e nos objetivos centrais das intervenções terapêuticas.

A hipnose cognitiva considera que cada indivíduo possui um grau de hipnotizabilidade e pode ou não ser mais susceptível às sugestões de um hipnotizador, alguns, inclusive, não seriam hipnotizáveis. Erickson apesar de iniciar sua trajetória com Clark Hull (Zeig, 1985), cujo interesse de pesquisa também estava em escalas de sugestionabilidade, se desvincilhou de tal noção e partia do princípio de que todo sujeito é capaz de entrar em transe desde que o hipnotizador se adeque às singularidades dele (O'Hanlon, 1987/1994). Este princípio de Erickson já contrasta com a forma de emprego de sugestões da hipnose clássica cujos resquícios ainda se encontram na hipnose cognitiva, onde as induções possuem maior padronização e diretividade, enquanto na hipnose naturalista as sugestões são comunicadas indiretamente, através de descrições, alegorias e metáforas, evitando um teor de ordem onde o hipnotizador comanda e o sujeito obedece.

Em termos de objetivos das intervenções hipnoterápicas, a hipnose cognitiva foca na interrupção de padrões associados ao sofrimento e desenvolvimento de novos comportamentos, enquanto a hipnose naturalista busca-se atender a demanda contemplando aspectos significativos e particulares de cada sujeito. Para efeitos de esclarecimento, neste trabalho ao falar-se em hipnose, ou hipnoterapia, nos referimos a hipnose ericksoniana, ou, hipnose naturalista.

1.2.1) Hipnose Ericksoniana.

Milton Hyland Erickson, psiquiatra americano, ficou conhecido pela sua capacidade de observação, sua exímia habilidade e conhecimento em hipnose e pelas formas inovadoras e enigmáticas de se promover mudanças terapêuticas. Seus casos envolviam desde questões consideradas exclusivamente fisiológicas como dores, paralisias de origem orgânica e problemas de crescimento a demandas tipicamente relacionadas ao campo da psicologia como problemas familiares e de auto-imagem (O'Hanlon & Hexum, 1990). Tamanha diversidade de demandas atendidas e suas soluções fora do convencional questionam os limites atribuídos à capacidade de mudança da psicoterapia e influenciaram as terapias breves, de família e sistêmicas (Zeig, 2014). Erickson em si nunca demonstrou interesse em formar uma escola de psicoterapia que levassem seu nome, ironicamente, sua forma de atuar se tornou uma abordagem após sua morte ao ser difundida por seus discípulos diretos como Jeffrey Zeig (1985), Ernest Rossi (Erickson & Rossi, 1979; 1980), Jay Haley (1973/1991), William O'Hanlon (1987) e sua filha, Betty Alice Erickson.

Todavia, os discípulos de Erickson não compreendem sua obra de forma homogênea, por exemplo, Betty Alice Erickson associa o trabalho de seu pai a psicologia positiva (Erickson, 2012); já William O'Hanlon interpreta seu trabalho como um refinado reconhecimento de padrões e o aproxima de uma lógica cognitiva; o co-autor de muitos de seus livros, Ernest Rossi,

também adotou uma perspectiva cognitiva e desenvolveu obras sobre o trabalho de Erickson nos campos de psicobiologia e neurociência; enquanto Jay Haley o considerava um mestre da terapia estratégica cuja forma de comunicação o permitia atingir objetivos que procederiam à mudança terapêutica de comportamento; e Jeffrey Zeig discute o trabalho de seu mestre acima de tudo como uma terapia experiencial, e a concilia com um foco comportamental. Tais divergências sobre o mesmo autor se deram porque Erickson não desenvolveu grandes teorias gerais e conceitos rebuscados sobre sua forma de compreensão do processo psicoterapêutico, nem facilitou o trabalho de pesquisadores que buscavam dele explicações científicas e claras sobre seus feitos. Seus aprendizes relatam fortes reprovamentos àqueles que desenvolvessem ideias fixas, determinismos, e noções reducionistas que os cegariam das singularidades de cada situação (Vesely, 2014), Erickson não esperava um pensamento uniforme entre seus alunos ou replicação de seus passos, repetidas vezes expressou acreditar que cada terapeuta deveria buscar sua própria forma de atuação. As orientações presentes em seu legado se apresentam especialmente nos princípios clínicos discutidos em seus seminários e consensualmente identificados por seus discípulos em suas obras.

1.2.2) Princípios clínicos.

O pressuposto que provavelmente mais proporcionou à obra de Erickson sua diversidade de intervenções é o princípio da singularidade, para ilustrar este princípio dizia a seus estudantes que cada pessoa é tão singular quanto sua impressão digital. Singularidade não implica, no entanto, na impossibilidade de se sistematizar qualquer conhecimento sobre o sujeito ou que este nunca atenderá a leis gerais, mas que cada paciente tem suas próprias teorias, suas próprias palavras, modo de se portar e gesticular, seus aprendizados de vida, habilidades desenvolvidas, assim como suas próprias explicações para como sua situação veio a ser e estas devem ser consideradas sem que o terapeuta as mutile e as traduza para suas teorias. Isto requer que o

terapeuta resista a tentação de impor ao outro uma maneira de pensar ou ser e busque aceitar o sujeito da forma como ele se apresenta, reconhecendo que estas foram as maneiras que encontrou de existir no mundo. Além do mais, a forma que se apresenta traz vários recursos que podem ser utilizados para seus próprios processos de mudança que serão mais efetivos e familiares do que elementos impostos de uma realidade estranha a sua. As analogias nas quais descreve suas experiências, gírias, gestos e expressões faciais, as contradições e resistências que manifesta, todas carregam em si potencial terapêutico (Erickson & Rossi, 1977).

O princípio da orientação naturalista concerne a dois âmbitos, primeiro que o transe é um estado natural e recorrente do ser humano, todos entram em transe diariamente sem necessidade de rituais formais ou artefatos específicos e dessa forma, todos somos hipnotizáveis. Logo, cabe ao terapeuta criar o contexto adequado e encontre o modo daquele sujeito específico de entrar em transe. Segundo, que as experiências terapêuticas não são propriedades de qualquer profissional da saúde nem ocorrem apenas em consultórios clínicos, nem todas as experiências terapêuticas vivenciadas se apresentam, ou precisam se apresentar, de forma declarada para a consciência (O'Hanlon, 1987/1994).

Erickson fazia oposição ao princípio psicanalítico que perdura em diversas práticas psicoterapêuticas de que único meio de mudança terapêutica duradoura seja a conscientização do inconsciente. Suas intervenções demonstravam a capacidade do processo terapêutico ocorrer sem conscientização da causa ou dos métodos empregados para que se sucedesse. Sua forma metafórica e indireta de se comunicar, tanto em transe quanto em estado de consciência ordinária, transmitia ao sujeito questionamentos, experiências, situações semelhantes mas com diferenças essenciais que lhe forneciam alternativas que frequentemente passavam longe aos olhos da razão e da memória, mas que permitiam a reconfiguração da experiência e ao um sujeito um papel ativo perante sua vida (Erickson & Rossi, 1979; O'Hanlon & Hexum, 1990). Diverge-se também da concepção herdada das terapias analíticas de que sintomas estão

linearmente indicando uma causa maior presente. Um sintoma pode sim exercer uma função no funcionamento atual do sujeito, contudo, Erickson levanta a possibilidade de que o sintoma se desenvolva em um hábito que prevalece mesmo quando o papel que desempenhava não é mais necessário. Alguns sintomas podem ser apenas hábitos mantidos por uma certa rigidez do sujeito, e não um indicador de uma causa maior. A necessidade originalmente suprida por este sintoma e o modo de funcionamento deste sujeito podem ter passado por inúmeras transformações e interações com outros processos ao longo de anos que não permitem mais reconhecer o que causou seu surgimento. Entretanto, de acordo com Erickson (como citado em Zeig, 1980), não é todo caso que necessita de uma jornada à causa do sofrimento, visto que esta empreitada pode pouco oferecer ao sujeito recursos ou soluções para atualidade. É preferível que o processo terapêutico foque nos recursos disponíveis ao sujeito no momento presente e oriente-o para o futuro.

Outro princípio vital parte da ideia de que a totalidade do sujeito comunica mais do que suas palavras conseguem expressar. O que é expresso verbalmente em estado de consciência ordinária é mediado pela racionalidade, enquanto a sua presença como um todo traz representações além do seu controle. De alguma forma, toda escola de psicoterapia porta um sistema de interpretação que visa acessar um saber da demanda além da capacidade de reconhecimento do sujeito. A psicanálise por meio da associação livre, a cognitivo-comportamental pelo reconhecimento de padrões, a bioenergética pela estrutura e postura corporal. Erickson muito cedo desenvolveu uma grande habilidade de observação ao ficar paralisado gravemente após uma crise de pólio, e percebia em mínimos detalhes como a forma das pessoas agirem muitas vezes contradizia o que elas falavam. Futuramente em sua prática clínica essa habilidade se desenvolveu na capacidade de identificar em um curto período de tempo características da forma de se apresentar das pessoas que transmitiam informações sobre sua história, seus modos de relacionar com outros, com o mundo e consigo mesmo, assim como

suas expectativas e ressalvas. Ao orientar estudantes e profissionais que o procuravam, não sistematizou esse conhecimento em um sistema interpretativo, mas os recomendava e auxiliava a desenvolverem suas capacidades de observação e de estarem presentes e atenciosos quando com seus pacientes, perceberem seus gestos, suas expressões faciais, sua entonação de voz em cada momento, suas roupas, com quais convenções sociais age em acordo e quais rejeita assim como as palavras que escolhe, a forma que narra eventos, entre outros. Da mesma forma que o sujeito se comunica em diversos níveis diferentes, o mesmo faz o terapeuta, que pode utilizar estes meios para transmitir mensagens que confluam com o processo terapêutico. Estas informações captadas a partir de uma observação se revelam em recursos terapêuticos ao serem devidamente utilizadas, o que nos leva ao princípio da utilização.

A utilização inicia de uma postura de compreensão do outro como ele se apresenta, suas disposições e suas resistências, e procede a utilizar estes elementos no seu processo terapêutico seja na construção das sugestões hipnóticas, na forma de conversar com sujeito, e nos assuntos que se propõem a discutir (Erickson, 1958). A utilização parte do princípio de muitas psicoterapias de que antes de se propor mudança é necessário dispor a entender o mundo do outro. A resistência não deve ser entendida como má vontade, teimosia ou oposição do sujeito, mas como um dos elementos que traz junto a demanda e que também tem seus motivos de existir. Ao tentar falar na mesma sintonia que o sujeito, o terapeuta age como um turista atencioso buscando respeitosamente participar da cultura local, e isto lhe permite acesso a processos mais profundos assim como voz sobre possibilidades de prosseguimento. Logo, quando Erickson recebe um paciente cuja tamanha ansiedade não o permite ficar sentado durante a sessão e por isso perambula pelo consultório (Erickson & Rossi, 1979), isto não é considerado um problema, mas um questionamento de como envolver essa característica em uma solução terapêutica. Erickson passou a consentidamente direcionar seu trajeto, incluindo períodos em que se sentaria na poltrona brevemente, a fala acompanhando o ritmo de seus

passos e lentamente desacelerando, até que em determinado momento entrou em transe ao sentar-se. Neste caso, os próprios elementos que dominavam o paciente e já o levaram a ser expulso de diversos consultórios clínicos sob acusação de falta de cooperação, se tornaram um dos meios de facilitação da indução hipnótica e do processo de psicoterapia.

Esta forma de comunicação não é declarada em terapia ou explicada ao sujeito, não se elucida os detalhes das intervenções como se fosse um procedimento médico. Expor plenamente os objetivos das sugestões e intervenções reforça a ideia de controle consciente e racional do sujeito como fundamental para a mudança terapêutica e submete as intervenções ao crivo das referências de relação também envolvidos em seu sofrimento. A comunicação em várias intervenções na terapia ericksoniana é indireta, não se informa que está utilizando algo específico ou a relação de uma história com a situação que o sujeito vivencia, apenas se utiliza e se conta. É neste sentido que a prática clínica de Erickson é considerada uma clínica do mostrar (Neubern, 2016b).

Em um seminário com um grupo de acadêmicos, no decorrer de uma demonstração de hipnose (Erickson & Zeig, 1979) com uma pesquisadora Erickson nota que suas respostas sempre continham precauções para caso estivesse errada como “Talvez isto seja assim” ou “Isto pode ser assim”, nunca se posicionando ou demonstrando convicção de seu próprio pensamento. Ao invés de expor ao grupo e à pesquisadora este aspecto de suas respostas, Erickson começa a propositadamente errar pronúncia de algumas palavras e o nome da própria pesquisadora quando conversa com o grupo. A pesquisadora, em retorno, passa a corrigi-lo e para tanto, faz afirmações convictas, após corrigir Erickson sobre seu nome e a forma de pronunciá-lo, se afirma com maior facilidade no restante da demonstração. Caso houvesse levantado esta característica verbalmente ao grupo poderia causar desconforto à pesquisadora por estar sendo exposta e ter de policiar suas respostas perante a análise minuciosa de Erickson e agora também do restante do grupo. No entanto, pela forma indireta em que a intervenção foi

feita, não despertou a atenção dos membros do grupo ou sequer da própria pesquisadora vista a habitualidade de se compreender um nome erroneamente e ser corrigido, sendo compreendida como mera eventualidade cotidiana.

Consequentemente, a objetividade com a qual estamos acostumados ao expressar tais observações verbalmente fica ascendentemente comprometida quanto mais indireta é a comunicação. Porém, esta característica nos leva ao último princípio a ser desenvolvido nessa sessão, o caráter aberto das sugestões e das intervenções terapêuticas em geral (Erickson & Rossi, 1979). Insistir que o sujeito chegue as mesmas conclusões que o terapeuta ou que responda às suas sugestões de formas já previstas o usurpa de sua capacidade de produção subjetiva na experiência de transe e, ao longo do processo terapêutico pouco facilita uma atuação mais autônoma em sua vida. Propõe-se, então, que as sugestões lhe forneçam um espaço de criação própria onde potenciais possivelmente desconhecidos tanto para o paciente quanto para o terapeuta possam se manifestar. Isto não implica necessariamente na isenção de qualquer diretividade da parte do terapeuta, mas que este aprenda a construir contextos onde o sujeito tenha um papel ativo e utilizar suas próprias produções para o desenvolvimento do processo. Aprendizados adquiridos nestas experiências costumam serem valorizados como mais genuínos pois surgem de reflexões e processos do próprio sujeito, e não como impostos pelo terapeuta.

1.2.3) Técnicas.

As técnicas hipnóticas de Erickson são flexíveis e trabalham em prol da indução da experiência de transe, na sua continuidade e nas sugestões que propõem diferentes vivências e manifestação de uma gama de fenômenos hipnóticos. Algo comum da prática de hipnose é a modulação da voz, que assume um tom mais grave, o ritmo da fala fica mais vagaroso e a pronúncia das sílabas mais longas. Busca-se pronunciar bem as palavras e o terapeuta pode

ênfatizar termos que considera chave para as sugestões que deseja transmitir aumentando a intensidade na sua expressão. Tais mudanças na voz não são padronizadas ou obrigatórias, nem possuem um tempo correto no qual devem ser empregadas, mas costumam ser utilizadas por diferenciarem o contexto da relação a prosseguir de uma conversa cotidiana. A fala espaçada e lenta despotencializa processos racionais necessários para a rapidez de compreensão e elaboração de resposta que se faz presente na comunicação do dia-a-dia e carrega características associadas um estado de sono ou letargia. Cada termo pode ser considerado em seu próprio tempo e cada sugestão considerada por diversas instâncias do funcionamento do sujeito.

Dois técnicas chaves para a indução hipnótica são os truísmos e os yes sets. Os truísmos, vindo do inglês *truth*, são sentenças óbvias, descrições de situações consideradas factuais e verdadeiras sejam de realidade material e concreta ou subjetiva e situacional. No processo de indução é possível utilizar sequências de truísmos descrevendo a situação atual para que se estabeleça uma conexão com o a realidade que está experienciando sendo que após sugere-se uma possibilidade de ação, ou nova informação a ser considerada, compondo o yes set. Yes sets não são nada mais do que sequências de truísmos da experiência do sujeito seguidos de uma sugestão. Esta forma de comunicação ao longo do desenvolvimento do estado de transe demonstra ao sujeito que o terapeuta está acompanhando os acontecimentos de seu mundo interno ao mesmo tempo direciona seu andamento.

A fixação de atenção seja em um objeto, em alguma sensação ou sentimento tem demonstrado grande importância para o aprofundamento da experiência de transe e para a despotencialização da consciência ordinária no processo. Os yes sets costumam ser utilizados no processo de indução, principalmente em pessoas pouco familiares com estado de transe, para focar a atenção em algum ato como observar detalhadamente algum objeto, o fluxo respiratório, sons do ambiente ou sensações internas tornando experiências subjetivas mais importantes no momento do que acontecimentos factuais do mundo externo. Após a atenção do sujeito focar

em algo específico, é comum manifestação espontânea de fenômenos hipnóticos e de processos inibidos pelo modo de funcionamento da vigília.

O entremeamento constitui uma forma de indiretamente acrescentar qualidades pertinentes ao contexto, ou direcionamentos, dentro de um veículo maior de sugestões, seja uma descrição de um momento, um conto de histórias, ou instruções para uma tarefa. Estas sugestões entremeadas podem estar associadas ao teor da narrativa que o abarca ou não, e costuma estar marcado por uma determinada entonação de voz, ou velocidade de proferimento, ou alongamento das sílabas. Algo que de alguma forma, em um nível sutil, o distingue da narrativa principal e estabeleça um senso de regularidade perante a o meio que o veicula.

Os contos de história envolvem, de fato, o conto de uma narrativa cujos elementos fazem relação às experiências do sujeito, no entanto esta relação raramente é clara para a consciência ordinária. Estas relações não são necessariamente lineares onde uma decodificação translitera claramente as sugestões. Tais contos respeitam o princípio de abertura e permitem que sujeito processe as vivências daquele cenário por conta própria.

As prescrições de tarefa possuem devida abrangência que as permite um caráter tanto experiencial e mais diretivo, agindo concretamente em modos de relação interpessoal ou inserindo o sujeito novas situações, assim como um caráter metafórico, simbólico, cuja vivência ressoará internamente tanto propondo reflexões à consciência ou modificando as formas que experiencia situações sem estar ciente. Assim, quando Erickson pedia que um de seus pacientes subisse o Squaw Peak todos os dias por uma semana (Zeig, 1980), ou que vestisse um terno e fosse à ponte que tinham pânico de atravessar deitar em uma vala (Erickson & Rossi, 1980), o objetivo de sua proposta era desconhecido e não meramente uma prescrição de exercício físico ou sem sentido. Tais atividades, respectivamente, testaram o desejo de mudança do sujeito e fizeram com que investisse suas energias em uma tarefa árdua e não-habitual, e no segundo

caso o fez interagir voluntariamente com algo que o dominava alterando modo de relação daquele momento em diante.

1.2.4) Fenômenos hipnóticos.

Como mencionado anteriormente, é comum que nas experiências de transe o sujeito manifeste espontaneamente fenômenos pouco comuns em estado de vigília, estes fenômenos também podem ser evocados pelo terapeuta e contribuir substancialmente para o processo terapêutico (Erickson & Rossi, 1979). Suas manifestações não são aleatórias e caóticas nem o terapeuta é capaz de evoca-los por meio de script universal de acesso privilegiado, cada sujeito pode apresentar tendências a manifestação de determinados fenômenos assim como dificuldade de vivenciar outros, da mesma forma, um bom arcabouço técnico facilita sim a atuação do terapeuta para a evocação de fenômenos específicos mas é necessário compreender que o sujeito e as lógicas de funcionamento de seu mundo interno também impõem limites e carregam aspectos cuja relevância podem evitar uma experiência iatrogênica.

Dentre os diversos fenômenos hipnóticos, aqui nos ateremos apenas a apresentação de alguns principais cuja alteração de funcionamento e potencial terapêutico são de grande relevância como a dissociação, despersonalização, alucinação positiva e negativa, amnésia, regressão, distorção temporal, catalepsia, analgesia e anestesia (Erickson & Rossi, 1980). A dissociação está envolvida em grande parte das experiências de transe, o sujeito passa a se dissociar de uma realidade material para dar mais importância a processos subjetivos, pensamentos, memórias e vivências internas que também envolvem sua dimensão sensorial. Dissociações também em níveis de consciente-inconsciente, corpo-mente, onde essas dimensões podem ser trabalhadas diferentemente sem a ciência da outra parte. Vários outros fenômenos hipnóticos envolvem alguma forma de dissociação mais específica, como a despersonalização. No fenômeno de despersonalização o sujeito em transe se percebe como

uma inteligência sem identidade, capaz de rever sua própria história como se o protagonista fosse um terceiro, possibilitando uma nova perspectiva sobre eventos de sua vida experimentar seus impactos emocionais diretamente.

No estado de transe é comum que o sujeito visualize cenas abstratas, lugares de seu passado, cenários nunca visitados, assim como um parente falecido, uma figura religiosa ou um objeto de valor. Pode ouvir sons, vozes, músicas, sentir cheiros, sentir toque, gostos. A relação com estas ocorrências varia entre sujeitos e de mesma forma entre experiências de transe de um mesmo sujeito. Podem ser declaradas em uma lógica de “como se” onde o sujeito se vê muito mais em um exercício de concentração e imaginação, ou vivenciadas como um sonho, onde está imerso e estes fenômenos são compreendidos de forma indiferenciada de uma materialidade. Também podem se expressar em forma de alucinações visuais caso o sujeito esteja de olhos abertos ou em estado sonambúlico, seja adicionando novos elementos ao mundo físico perceptível ou removendo-as.

A memória da experiência de transe pode assumir o mesmo caráter infável de um sonho, onde a ocorrência escapa completamente ao sujeito ou tomando uma constituição abstrata na qual há a ideia de que a experiência aconteceu mas não é capaz de rememorar seus eventos específicos. A amnésia em si pode ser sugerida pelo terapeuta assim como condições para o esquecimento e a recapitulação, envolvendo momentos específicos da experiência de transe ou ela por completo. Importante ressaltar que o esquecimento de aspectos da experiência hipnótica não a apaga das diversas instâncias do sujeito, nem o isenta de suas consequências, a amnésia os coloca repercutindo em um nível de influência mais subjetivo e irracional, distante da lógica de funcionamento da consciência ordinária.

Assim como no estado de transe o sujeito é capaz de reviver locais e memórias de sua história, ele também pode assumir um modo de funcionamento anterior ao presente e relatar ter outra idade. Pode se perceber como uma criança ou um adolescente e se comunicar de acordo,

expressar valor a coisas que uma criança e um adolescente valorizam, assim como modificar todo o conjunto de expressões e posturas corporais. Da mesma forma que outros fenômenos, pode apresentar uma dissociação em que percebe muito bem o contexto em que se encontra no momento e também vivenciar simultaneamente esta forma regredida de si.

Esta fluidez entre memórias, experiências presentes e passadas possível no estado de transe também está associada a outro fenômeno o qual Erickson chamou de distorção de tempo. O estado de transe altera bruscamente a percepção temporal do sujeito, trazendo à experiência a capacidade de vivenciar anos em poucas horas, assim como tornar a passagem de algumas horas semelhantes a alguns minutos. Enquanto possibilidades de utilização terapêutica, ao permitir que o sujeito tenha mais tempo à sua disposição este toma decisões importantes sem urgência como um fator influente em suas escolhas e reflexões. E experiências como um procedimento médico podem passar brevemente reduzindo o contato com a dor e incômodos.

A catalepsia, analgesia e anestesia agem de forma semelhantes diferindo em mobilidade e sensibilidade. Na catalepsia o sujeito tem capacidade sensorial sobre seu corpo, mas não é capaz de movimentá-lo ou de movimentar alguns membros. A analgesia altera a sensibilidade do sujeito em relação a dor enquanto preserva outros sentidos, comumente há alguma forma de letargia caso o fenômeno ocorra em membros periféricos. No caso da anestesia o corpo do sujeito fica dormente, sem sensibilidade ou movimento, como uma anestesia química ministrada por médicos. Apesar de poderem ser sugeridos, novamente, o sujeito não se encontra sob domínio do terapeuta. Estes fenômenos estão relacionados com a postura corporal durante a experiência de transe e o estado de relaxamento que o sujeito se permite adentrar, envolvendo mecanismos fisiológicos que se reverterem imediatamente. Seus usos enquanto recursos terapêuticos são nítidos, possibilitam auxílio em casos de dor, e rompem com concepções rígidas que instituem os profissionais de saúde e medicamentos farmacológicos como única via de intervenção a esse nível de experiência (Neubern, 2016a).

Capítulo 2

Aproximações e Implicações Teóricas

2.1) Relações entre o pensamento Peirceano e o pensamento Ericksoniano

Tendo visto brevemente o teor das obras de Charles Peirce e Milton Erickson, podemos esclarecer aspectos que tornam o entrelaçamento de seus trabalhos pertinentes e um rico campo para a psicologia clínica. De início é evidente a abordagem pragmática de ambos autores sobre a concepção de suas obras. Peirce desejava desenvolver uma compreensão de realidade que não recaísse em determinismo binário ou nominalismo como fuga da complexidade inerente ao empírico no diálogo com as teorias concebidas. Isto exigiu uma empreitada árdua na concepção de categorias que não confinasse seus objetos de estudo em conceitos rígidos ignorando elementos que provassem sua inadequação nem os agrupassem em uma amálgama indiscriminada que evitasse o discernimento e inteligibilidade de seus constituintes. De modo semelhante, Erickson se posicionou a não impor sobre o sujeito conhecimentos legitimados nos campos da psicoterapia ou da medicina que submetessem suas experiências a critérios externos determinantes do que é ou não válido e relevante. Foi seu compromisso com a singularidade apresentada por cada paciente e a forma que respondiam às suas propostas interventivas que guiou sua prática clínica e a construção de seu conhecimento clínico. Levar estes objetivos à finco foi um fator importante para a profundidade e originalidade de suas produções.

Ambos em seus próprios campos se ativeram a um princípio de anti-reificação de teorias e suas explicações de uma realidade objetiva para a construção de seus saberes. Isto fez com que Peirce, ao desenvolver seu pensamento sobre como ideias e significados vêm a ser e evoluem, rejeitasse explicações puramente idealistas ou deterministas da época e concebesse uma teoria na qual a infinidade de ideias e significados apresentam uma continuidade entre dimensões abstratas e leis determinantes. Seu trabalho não isola as ideias daquele que à concebe

e desta maneira está imbuído da forma que Peirce pensava as relações entre o conhecedor e seu conhecimento e a falibilidade intrínseca ao processo de geração de qualquer conhecimento (Colapietro, 2004).

Já Erickson não se contentou com as teorias psicológicas predominantes em sua época, nas quais eram priorizados ou processos psíquicos internos referentes a experiências simbólicas privadas, ou processos regidos por determinações externas referentes às relações sociais e ambientais. Por esse motivo Erickson considerava que em vários aspectos tais perspectivas teóricas restringiam a forma de se pensar o ser humano, que em seus exercícios psicoterápicos falhavam em considerar aspectos práticos e específicos de cada caso demonstrando certa inflexibilidade interventiva, e relatava como a grande carga de linguagem técnica de algumas teorias psicológicas estavam gerando terapeutas que mal compreendiam suas próprias abordagens (Vesely, 2014).

Independente das interpretações e categorizações de outros autores sobre sua prática clínica, é clara a amplitude dos processos envolvidos em suas intervenções dentro de um espectro de determinações internas-externas dos processos psíquicos. Por vezes ordenava seus pacientes a desempenharem atividades específicas, ou que interagissem com pessoas de determinadas formas, ou sejam, intervenções onde a execução da tarefa dada era priorizada acima das significações ou julgamentos de valor do paciente sobre o que foi proposto. E por outro lado, em ocasiões propunha longos transes reflexivos, focados em processos emocionais, de sentimento e significação.

Este desprendimento das perspectivas teóricas dominantes e das convenções que se estabeleciam em torno da prática psicoterápica da época levou Erickson a desenvolver seu conhecimento considerando aspectos chaves levantados por estes autores mas levando em consideração peculiaridades que os próprios pacientes valorizavam como, as formas em que se davam suas relações sociais, o tempo disponível para a ocorrência do processo terapêutico,

capacidade financeira para aderir ao serviço, relações imediatas da demanda com meios sociais como família e trabalho. Para tal, foi necessário o foco na singularidade de cada sujeito, que apesar de atenderem a várias determinações e leis gerais, ainda resguardam características próprias que portam diferentes qualidades.

Tal postura de ambos autores demonstra a apreciação fenomenológica presente em suas metodologias de sistematização de conhecimento. Cientes da falibilidade de conhecimentos prévios de qualquer pesquisador e da insensatez existente em submeter novos objetos de pesquisa a critérios anteriores e possivelmente inapropriados a suas circunstâncias, ambos optaram por caminhos que não se ativessem a determinar o que é real ou não, mas à descrição e à análise das experiências. Peirce pautava-se por empregar primeiro suas faculdades contemplativas e refletir sobre a forma de apresentação de cada fenômeno, assim como Erickson ressaltava a importância da observação detalhada das formas em que o sujeito se apresentava e do que possivelmente representavam, sem se ater a uma interpretação. Seguidamente empregavam suas capacidades de discriminar estes fenômenos observados e por último generalizar suas observações em classes ou categorias abrangentes (Neubern, 2018; Santaella, 2000, 2009). Em cada uma dessas etapas é possível ver a predominância das categorias fenomenológicas de Peirce, contemplação (primeiridade), distinção, (secundidade) e generalização (terceiridade).

Existe, no entanto, uma distinção clara entre a exposição que cada autor fez de seus pensamentos e sistemas desenvolvidos, Peirce publicou na íntegra seu sistema semiótico e se empenhou em ser claro e objetivo na transmissão de suas ideias, já Erickson esclarecia algumas de suas ideias e princípios norteadores e omitia em questões específicas. Poucas foram as vezes que detalhou sua linha de raciocínio em relação a um caso clínico, ou quais critérios utilizava para tomar decisões relativas às intervenções que propunha, da mesma forma, não explicava o que pretendia transmitir com suas metáforas ou a intenção por trás de tarefas passadas.

Argumenta-se a possibilidade de tais omissões serem motivadas pela forma de organização da comunidade psicológica da época que criticava intensamente a forma de terapia de Erickson, assim como exercício para seus alunos mais próximos para que desenvolvessem explicações por si próprios, colocando-os em papel ativo nos seus próprios processos de aprendizagem. Este resguardo naturalmente gerou consequências a respeito da leitura feita de suas obras e as impressões externas sobre o autor, que são apreciadas com maior amplitude em relação às técnicas hipnóticas que contém do que pelos pensamentos por trás de sua execução ou desenvolvimento. Erickson em si passa a ser considerado um mestre terapeuta e hipnólogo, capaz de transformações terapêuticas, mas cujo legado se fecha na técnica e a capacidade terapêutica é atribuída à pessoa.

Recentemente, estudos tem utilizado a semiótica como forma de análise de comunicações hipnóticas contribuindo para questões relativas à hipnose ericksoniana como por que as intervenções de Erickson surtiam transformações tão intensas, ou as possíveis razões por trás de comunicações específicas (Neubern & Nogueira, 2019), e problemas fundamentais à hipnose em sua totalidade como de que modo as comunicações hipnóticas agem de forma alterar o funcionamento de sistemas vitais da experiência humana de mundo (Neubern, 2016a). Apesar destes novos esforços encontrarem-se apenas no início, já demonstram o potencial da complementaridade entre a semiótica de Peirce os problemas em torno da comunicação hipnótica e a experiência de transe. Estes estudos ilustram a forma que a hipnose de Milton Erickson contém hipoícones de diferentes dimensões lógicas estabelecendo uma relação de semelhança ao mesmo tempo que trazem novos insumos semióticos capazes de alterar os símbolos presentes. Assim, a iconicidade contida nas comunicações hipnóticas abrem um novo campo de debate para a compreensão dos processos hipnoterápicos.

Uma compreensão em termos de iconicidade nos permite uma distinção entre os diferentes aspectos que compõem o signo, no caso, uma comunicação hipnótica, e como atuam

em diferentes níveis lógicos quando agem sobre o sujeito sem sacrificar os elementos subjetivos envolvidos na interpretação. Um suspiro de alívio é considerado tanto em seu nível icônico no qual transmite uma qualidade sentimental quanto em seu nível simbólico no qual um terceiro, o intérprete, imediatamente constrói inferências sobre a razão do suspiro.

2.2) Relação da Semiótica com a Hipnose

Partindo para as relações visíveis entre a semiótica e a hipnose em si, um aspecto imediatamente notável é a capacidade da experiência de transe predominar em um nível Primeiro. A experiência de transe pode se constituir em um nível mais contemplativo e sensível do que puramente racional, ela possibilita uma relação com processos subjetivos do sujeito mais vivencial e experiencial (primeiridade) do que em uma lógica de relação “como se” (terceiridade), onde fala-se de um mundo hipotético e a distinção entre o mundo experienciado e o hipotético é clara. Estas experiências de transe, para o sujeito, assemelham-se mais a um sonho do que a um exercício racional de imaginação e visualização. Um segundo ponto é a possibilidade do transe assumir o mesmo caráter inefável típico da Primeiridade, onde o sujeito pode experimentar sensações e sentimentos os quais não consegue descrever e ocasionalmente abstém-se dessa tarefa, pois a tentativa de explica-las pode alterar a experiência em si.

Considerando essa dimensão primeira, em relação a hábitos, o estado de transe permite outras formas de expressão da lógica de funcionamento do mundo interno do sujeito, assim como permite ao terapeuta a construção de comunicações cujos signos e representações ocorrem de modo raramente permitido em estado de consciência ordinária. Abre-se a possibilidade de concepção da despotencialização da lógica racional e a emergência de processos inibidos que acontece no estado de transe enquanto uma facilitação, ou flexibilização do hábito de mudança de hábitos (Nöth, 2016). As alterações das referências de relação com a

materialidade e as leis que a regem relativizam o caráter rígido associado a secundidade permitindo uma nova perspectiva sobre hábitos de pensamento e sentimento.

A comunicação hipnótica, quando indireta, adquire um teor largamente icônico, onde nem a objetividade típica da secundidade quanto as convenções sociais estabelecidas em terceiridade predominam, apesar de estarem presentes. As sugestões em sua forma indireta não costumam ser associadas a seus objetos enquanto índices gerando dicissignos, mas enquanto diversos diagramas cujo caráter remático repete entre suas possibilidades de objeto uma constante, gerando uma tendência interpretativa. Dessa forma a indução hipnótica inclui vários signos que sugerem a mudança das normas de relações pessoais e a possibilidade de descansar e não responder ativamente durante o decorrer de uma conversa, de fechar os olhos e se permitir engajar no que está sendo proposto, enquanto várias convenções de atuação tornam-se secundárias ao processo.

A consciência ordinária, ou o *eu*, pode ser pensado enquanto um conjunto de hábitos configurados em um signo identitário que se forma a partir de interpretantes de sua experiência de mundo e trocas sociais e passa a situar o sujeito nas mesmas. Sua atuação em relação ao sujeito na sua totalidade é frequentemente equivocada, Colapietro (2016) elucida a forma que a consciência aparenta una e conhecedora plena de sua identidade mas lhe fogem um grande número de exercícios do ser na sua totalidade. No entanto, para si, costuma colocar-se no papel de agente central, único e auto-esclarecido, influenciando a formação hábitos em torno de seu aparente controle sobre: a memória, negando a possibilidade de esquecimento; suas concepções rígidas, negando a possibilidade de mudança ou erro; seus desejos e expectativas, negando consequências e a possibilidade de imprevistos. Os limites de sua capacidade passam a ser compreensíveis por meio de resultados inesperados ou falhos em sua interação com a dimensão concreta, e por meio de processos reflexivos, onde pensa em si como objeto e revê as implicações de suas exercícios buscando novos princípios pelos quais se guiar. Logo, perante

suas falhas, a consciência demonstra mais um papel enquanto função na formação, operação, interrupção e reorganização de hábitos do que um papel agencial.

A atuação do *eu* se estabelece em torno de referências de como tempo, espaço, matéria, causa, alteridade, que fundamentam um consenso de realidade partilhado sobre o qual trocas sociais e deliberações básicas de relação com o mundo ocorrem. Estes hábitos basais como “o tempo passa igual para todos”, “dois corpos não ocupam o mesmo espaço”, “coisas caem” alicerçam a formação de outros hábitos de relação com o mundo que pouco suscitam atenção a si por serem meios para um fim. Ir à cozinha exige uma sequência de movimentos motores e um jogo postural para o deslocamento até o local, que dificilmente suscitarão atenção do *eu* a menos que seu trajeto apresente excepcionais não previstas no hábito como um chão molhado ou uma porta trancada. Nas trocas sociais, as referências de relações entre membros de um contexto ou comunidade passam a ser partilhados enquanto hábitos culturais e assim fundamentam outras relações futuras.

Neubern (2016b) descreve o processo de indução ao transe como um descentramento do *eu*, pois este é convidado a se afastar do papel que assume em vigília e experienciar a emergência de novas formas de funcionamento. A comunicação hipnótica direciona o foco de atenção do *eu* com diagramas, índices ou símbolos dicissignos a processos internos, sentimentos, sensações, propondo que se engaje enquanto observador, assim, as referências de relação com o mundo concreto tornam-se cada vez mais despropositadas e fora de questão para o momento.

As novas referências que compõem a experiência de transe passam a ser consideradas de forma dinâmica entre o que é proposto pelo terapeuta, os interpretantes que emergem do inconsciente, e o que encontra consonância no sujeito. O *eu* pode assumir vários papéis diferentes perante as experiências propostas, seja deliberando sobre as experiências que emergem, traduzindo-as em linguagem para descrever os acontecimentos ao terapeuta ou

engajando em discussões racionais, porém, pouco controla a forma e o que irá emergir. O transe, no entanto, não é possível se as propostas do terapeuta não encontrarem qualquer ponto de concordância, de significância no sujeito. É necessário que a proposta do terapeuta faça minimamente sentido, ou seja pertinente a situação, para que se prossiga. Este processo está relacionado a um interpretante mais ou menos claro do que é a finalidade das sugestões hipnóticas em jogo, a intencionalidade do terapeuta e o sentimento de confiança na relação terapêutica. Caso o que está sendo proposto pelo terapeuta entre em dissonância com os sentimentos, as sensações e a experiência em geral, a instabilidade é capaz de alertar o *eu*, urgindo que retome o controle e um funcionamento mais seguro. Caso a proposta seja pertinente, faça eco em seu mundo interno, é capaz que ative novos processos e permita maior acesso a este mundo do sujeito no desenvolvimento da experiência, dando a sensação de que ambos fluem conjuntamente ao longo do transe.

Semioticamente, estas novas referências, para se estabelecerem, necessitam que os signos transmitidos pelo terapeuta demonstrem, em certo modo, conhecimento de seus hábitos de interpretação. Os signos que tocam esta instância costumam possuir múltiplos ícones remáticos cujas possibilidades interpretativas abarcam a forma do sujeito de se relacionar e interpretar o mundo. Suas semelhanças fazem emergir processos com os quais são possíveis alguma forma de relação. O princípio da utilização age neste sentido, de reconhecer e valorizar os signos e as lógicas internas do sujeito, o que facilita a confiança do sujeito no processo hipnoterápico.

Em cada técnica hipnótica de Erickson predominam formas específicas de se estabelecer novas referências e de transmissão de qualidades. A seguir, será discutida a iconicidade presente nas técnicas de entremeamento, contos de história e drama a partir de ilustrações clínicas de Milton Erickson em que se fazem presentes. O intuito é obter uma clareza de como estas

técnicas transmitem signos capazes de propor uma reconfiguração da experiência do sujeito a curto e a longo prazo.

Capítulo 3

Iconicidade e Entremeamento

3.1) Entremeamento

A técnica de entremeamento possui uma abrangência de nível semelhante à dos truísmos e da utilização, pois frequentemente é observada como um dos elementos de sugestões hipnóticas complexas. Ela costuma contribuir inserindo novas qualidades em sugestões em andamento, indiretamente inserindo sugestões em meio a padrões de ação ou de fala do sujeito, mas principalmente, facilitando a aceitação indireta de diversas sugestões contidas em uma sugestão mais explícita (Erickson, 1966; Erickson & Rossi, 1979).

Erickson sempre hesitou em oferecer uma explicação clara sobre o emprego desta técnica. Especificamente, no entanto, a considerava uma das suas maiores contribuições à hipnose (Erickson & Rossi, 1979). Quando questionado, reafirmava que a técnica em si não servia outro propósito além de assegurar e fixar a atenção dos pacientes para que se criasse um estado mental receptivo e responsivo onde poderiam se beneficiar de seus potenciais inibidos (Erickson, 1966). Desta forma, não descreveu detalhadamente um método de execução da técnica que atendesse a objetividade esperada de seus discípulos, mas, em diversos, casos a exemplificou, discutiu suas consequências, e comparou momentos em que foi utilizada com os que não estava presentes, permitindo que os leitores chegassem a suas próprias conclusões. No entanto, para uma discussão de qualidade sobre suas implicações semióticas, buscaremos descrevê-la com maior objetividade do que aquela apresentada por Erickson.

3.2) Conceito

O entremeamento pode ser descrito justamente como um “colocar entre”. E aquilo que é colocado entre a conversa, a frase, a história, visa uma outra significação além daquela em andamento. Esta inserção pode conter diferenças na forma que é comunicada, seja

acompanhada de um movimento, de uma mudança no tom de voz, na velocidade ou modo de proferimento das sílabas, que de alguma forma distinguem em nível inconsciente do meio em que estão contidos. Seus processos de significação podem agir sob outros processos mais evidentes, de maneira que, quando se conta uma história, várias sugestões pertinentes à demanda do sujeito podem ser entremeadas ao conteúdo da história sem serem racionalmente processadas enquanto distintas. Logo, o entremeamento pode ser utilizado de forma em que é claramente identificado o emprego de sugestões hipnóticas, assim como compor em grande parte a indiretividade das comunicações feitas durante uma experiência hipnótica.

Neste capítulo o entremeamento será exemplificado e analisado semioticamente em uma ilustração clínica onde é utilizado de forma mais evidente, acompanhando a lógica de raciocínio e expressão do sujeito para a indução de uma experiência hipnótica e início de um processo terapêutico. O paciente a seguir teve um longo e frustrante percurso por profissionais de saúde e expressou a advinda desesperança de que algo seja capaz de ajudá-lo.

3.3) Caso 1

Erickson (Erickson & Rossi, 1979) relatam sobre um paciente inesperado:

Um paciente entra energeticamente em seu consultório alegando não saber se é hipnotizável ou não. Ele estava disposto a entrar em transe se lhe fosse possível e desde que Erickson abordasse todo o processo de forma intelectual, e não de maneira mística ou ritualística. Declarou que precisava de psicoterapia por vários motivos e já havia tentado várias escolas de psicoterapia extensivamente e sem benefício. Também já havia tentado hipnose em várias ocasiões, mas falharam miseravelmente devido a misticismos e falta de apreciação por uma abordagem intelectual.

Questionamentos revelaram que para ele abordagem intelectual significava, não uma sugestão de ideias, mas questioná-lo sobre seus próprios pensamentos e sentimentos

em relação a realidade. Afirma que Erickson devia reconhecer que ele estava sentado em uma cadeira, que a cadeira estava em frente a uma mesa, e que isto constituía fatos absolutos de realidade. Como tais, não poderiam ser ignorados, esquecidos ou negados. Ainda ilustrando a questão, o paciente menciona como estava obviamente tenso, ansioso e preocupado com os tremores de suas mãos, que descansavam no apoio de braço da cadeira, e que estava muito distraído, notando tudo a sua volta.

Erickson imediatamente tirou proveito deste último comentário como a base de uma cooperação inicial com ele. Lhe disse:

“Por favor, prossiga explicando suas ideias e compreensões, me permitindo apenas interrupções suficientes para o assegurar que o entendo completamente e que sigo junto com você. Por exemplo, você mencionou a cadeira mas obviamente você viu minha mesa e tem se distraído com os objetos nela. Por favor, explique completamente.”

Ele respondeu verbosamente com vários comentários mais ou menos conectados sobre tudo em vista. A cada pequena pausa, Erickson intervia com uma palavra ou frase para direcionar sua atenção a algo novo. Estas interrupções foram ocorrendo com cada vez mais frequência, e ocorreram da seguinte forma:

“Aquele peso de papel; o arquivo; seu pé no tapete; a luz do teto; as cortinas; sua mão direita no braço da cadeira; as fotos na parede; a mudança de foco dos seus olhos enquanto desviam o olhar; o interesse nos títulos dos livros; a tensão nos seus ombros; a sensação da cadeira; os barulhos e pensamentos perturbadores; peso das suas mãos e pés; peso dos problemas; peso da mesa; a prateleira; os arquivos de muitos pacientes; os fenômenos da vida; da doença; da emoção; do comportamento físico e mental; o descanso do relaxamento; a necessidade de atender a necessidades; a necessidade de atender à própria tensão enquanto olha para a mesa ou o peso de papel ou o arquivo; o conforto de sair do ambiente; cansaço e seu desenvolvimento; as características

imutáveis da mesa; a monotonia do arquivo; a necessidade de descansar; o conforto de fechar os próprios olhos; a sensação relaxante de um respiro profundo; o prazer de aprender passivamente; a capacidade de um aprendizado intelectual pelo inconsciente.”

Foram feitas várias outras interjeições breves, lentamente no início e depois aumentando em frequência. Inicialmente as interjeições complementavam a linha de raciocínio do paciente, estimulando-o a se empenhar mais. Após, Erickson pausava e hesitava a completar a frase, o que gerou expectativa e uma certa dependência sobre o autor para a continuação do procedimento. (pp. 56 – 57).

3.4) Explicação Clínica

Analisaremos as condições que propõe, tanto verbalmente quanto em seu modo de agir, após, analisaremos a intervenção em três partes: a forma que Erickson se endereça a estas condições; a sequência de suas interrupções e; o desenvolvimento do estado de transe. O paciente propõe verbalmente suas condições para entrar em transe, a indução deve ser feita através de uma abordagem intelectual, significando questioná-lo sobre seus pensamentos e sentimentos em relação a realidade. No entanto, as ações descritas de sua forma de entrada, de expressar suas experiências passadas e o que considera relevante comunicam indiretamente sua lógica de funcionamento e tentativas passadas a induzi-lo ao transe que não consideraram esta lógica falharam.

A abordagem intelectual é colocada como mais relevante a uma abordagem mística ou ritualista, possivelmente consideradas como opostas. Pede que o terapeuta questione seus pensamentos e sentimentos em relação a realidade e menciona fatos externos, os quais valoriza enquanto absolutos, relacionados ao ambiente em que se encontram, a posição de objetos e das pessoas presentes. Ele descreve como percebe-se ansioso, tenso, chama atenção para como suas mãos tremem e que está distraído com seus arredores. Estas descrições demonstram um certo

nível de autopercepção, de reconhecimento de que não está bem e que desconhece o motivo, todas as características citadas são presentes e relativamente constatáveis por um terceiro que o observe momentaneamente. Não utiliza como referência qualquer elaboração mais extensa sobre seus sentimentos ou acontecimentos passados pois estes não são fatos absolutos sob sua concepção. Estes aspectos permitem a interpretação de que, possivelmente, a realidade externa, objetiva e publicamente consentida é priorizada pelo sujeito acima de questões subjetivas, que por sua vez podem ser desconsideradas realidade. Tais concepções seriam coerentes com o pensamento empirista que exerceu grande influência na constituição do conhecimento americano da época. Assim, as condições do sujeito para entrar em transe são que este seja feito por meio de questionamentos sobre a realidade, mais provavelmente, externa.

3.5) Semiótica e Iconicidade

Semioticamente, esta condição se constitui enquanto um legissigno argumentativo, filtrando as comunicações do terapeuta de modo que para serem consideradas devem conter o real enquanto qualidade. Sua atenção busca objetos externos dos quais é capaz de prover diagramas (descrições) detalhados das qualidades que o compõem. Sua intensa ansiedade, tensão e o tremor de suas mãos neste contexto são índices claros de grande sofrimento psíquico, validando sua afirmação inicial de que precisava de terapia por diversos motivos. Assim, somados à atração por objetos dos quais é capaz de gerar uma inteligibilidade, todos esses elementos formam um possível índice de uma dificuldade do sujeito de olhar para seus processos e realidades interiores, os quais não consegue elaborar de forma clara para si e para os outros. Não existe, praticamente, um processo de simbolização consciente sobre tal dificuldade, o que parece alimentar demasiadamente sua ansiedade, com seu conjunto característico de signos. É possível cogitar uma dimensão simbólica de organização dessas reações (hábito) que não se dão ao acaso, mas isso parece passar longe de um processo de

mediação diferenciado capaz de interromper os embates entre tais experiências conflituosas, típicas da ansiedade.

As sugestões de Erickson atendem ao critério da condição de realidade no momento em que fornece índices, aos quais o paciente dirige sua atenção e aceita em seus processos. Os diagramas que passa a prover dos objetos indicados dão vazão a sua ansiedade permitindo que se comunique da forma que é capaz e seja aceito, e saciam sua distração por um foco externo ao mesmo tempo que o aproximam de experiências mais subjetivas e interiores por envolverem suas percepções específicas sobre as qualidades que observa. Este processo permite que crie interpretantes envolvendo sua forma de relação com o mundo e que as comunique para um terceiro que não só as compreende, mas que se engaja no processo requisitando mais sobre sua forma de ver o mundo, gerando responsividade. No entanto, alguns símbolos vão se formando ao longo da sequência de interrupções de Erickson.

As interrupções começam assertivas e imperativas, mencionando objetos estáticos que se enquadram perfeitamente nas condições de realidade estabelecidas e vão crescendo em complexidade ao incluírem movimento, padrões, sensações, emoções e sentimentos. Assim, os signos emitidos por Erickson vão lentamente flexibilizando a lógica de funcionamento do sujeito por cumprir de alguma forma com a condição e conter um ícone que carrega alguma qualidade incomum, mas não alarmante, àquele sistema semiótico. Uma comunicação verbal no seu decorrer também cria novos símbolos que constituem seu sentido, no caso, os truísmos iniciais, por atenderem as condições do paciente, constroem um símbolo, “ele sabe e fala o que é real”, uma lei composta pela regularidade averiguável da interação. Esta lei ou hábito facilita a aceitação dos diferentes elementos presentes nos índices subsequentes enquanto reais, apesar de se referirem progressivamente a experiências mais privadas e menos publicamente verificáveis, gerando um novo símbolo em torno de “se eu sinto, é real”.

A sequência das sugestões exerce um papel chave na aceitação deste novo símbolo como pertinente. Quando Erickson insere “peso dos problemas” entre “peso das mãos e pernas”, e “peso da mesa”, este entremeamento coloca a metáfora “peso dos problemas” na mesma ordem de realidade que os objetos materiais aos quais o sujeito dirigia sua atenção. A sugestão, apesar de não cumprir com a rigidez que o paciente propõe para o processo a princípio, utiliza sua declaração inicial de precisar de terapia por vários motivos trazendo uma qualidade que os concretiza em sua relevância e envolvem sentimentalmente o sujeito, favorecendo a aceitação da metáfora enquanto realidade.

A transição de externo para interno entre as experiências propostas não ocorre de forma constante. Erickson, em diferentes momentos, retoma os índices que estão relacionados a um modo de funcionamento usual e seguro do sujeito junto a novos ícones que mantêm a temática em construção. Assim, quando menciona as características imutáveis da mesa e a monotonia do arquivo, evita a sensação de uma mudança abrupta e dissonante da forma de pensar que tem exercido a anos. Porém, no diagrama da sequência, a imutabilidade pode ser associada a monotonia transmitindo novas qualidades a serem processadas sobre sua perspectiva de mundo habitual.

O desenvolvimento do transe terapêutico ocorre por transições feitas em dois âmbitos: 1) de experiências externas e objetivas para experiências internas e subjetivas, como mencionado acima e; 2) de um processo autocentrado para um processo em conjunto com o terapeuta. A utilização e as sugestões entremeadas permitiram que experiências subjetivas fossem consideradas sob sua realidade e que o sujeito se relacionasse com elas de forma inédita. O processo iniciou de forma autocentrada, no qual o sujeito verborragicamente descrevia objetos do recinto cedendo ao terapeuta pequenos intervalos de fala. Erickson se propõe a utilizá-los para mostrar que o compreende completamente e que segue junto a ele. Sua atenção aos intervalos age como índice que está de fato acompanhando seu raciocínio, e os utiliza para

direcionar sua experiência para o que mencionava. Este direcionamento aumenta a participação de Erickson no processo, que passa a conduzir cuidadosamente quais signos utilizará para evocar determinados interpretantes. No entanto, é quando começa a criar pausas e hesitações que o sujeito abre espaço para que Erickson se coloque mais na relação. O rompimento com o hábito da velocidade de resposta comum em uma conversação cotidiana constitui uma alegoria sutil na qual ele é colocado no papel de quem deve entender completamente e seguir junto (Erickson, 1979), esperando que Erickson falasse para depois poder se colocar de acordo com o que foi comunicado. É a partir deste momento que as sugestões começam a focar em sentimentos e necessidades subjetivas e a capacidade de aprender algo com Erickson.

Em conclusão, a técnica de entremeamento pode agir como uma forma de cavalo de tróia, no entanto, sem qualquer conotação bélica ou combativa. Os signos emitidos pelo terapeuta se assemelham àqueles que operam na determinada situação e obedecem aos símbolos (leis) que organizam os processos semióticos naquele determinado campo. Quando se estabelece uma regularidade sobre o sentido ou significado da comunicação em andamento, o terapeuta coloca entre os signos que sustentam esta regularidade signos, geralmente com alto teor icônico, que transmitem ou evocam qualidades potenciais para serem processadas em relação àquele campo. Ou seja, novos signos se inserem em um campo por estarem rodeados de signos recorrentes daquele meio, pois, caso não estivessem, seriam desconsiderados enquanto pertinentes de imediato, reduzindo ou nulificando sua influência.

A iconicidade destes signos permite que as qualidades neles contidas se envolvam nos processos de semiose daquele campo possibilitando a produção de novos interpretantes, que em termos experienciais seriam sensações, ideias, sentimentos, emoções e até símbolos em perspectivas diferentes. A influência do teor icônico se destaca por não fazer relação direta com a reconfiguração possível, já que, sendo os ícones necessariamente remáticos, a depender do signo os objetos possíveis podem ser muitos, sua relação é indireta e geralmente imperceptível

à racionalidade até que já tenha evocado seu objeto. Quando Erickson menciona a monotonia (ícone imagético) do arquivo (índice dicente) o ícone de monotonia extravasa a relação firmada pelo terapeuta com o arquivo e evoca para a superfície as várias monotonias daquele modo de funcionamento para serem consideradas durante o processo de reconfiguração.

3.6) Reconfiguração da Experiência

Apesar da escassez de informações, é possível cogitar, a propósito de exercício teórico, alguns aspectos importantes sobre o funcionamento do paciente em questão e, sob uma perspectiva de iconicidade, como a intervenção hipnótica pode ter contribuído para sua reconfiguração da experiência (Neubern, 2016). O modo de funcionar, tipicamente ansioso do paciente, trazia alguns elementos importantes, desde a sua chegada à terapia. O foco no externo, a desqualificação do que seria não factível (ritualístico e místico), a fala voltada a fracassos de outras tentativas parecem sugerir alguém com considerável dificuldade quanto ao mundo subjetivo, inclusive em termos do emocional e do imaginário, tornando-se intensamente defensivo quanto a tentativas de outros e dele mesmo para adentrar esse campo (Erickson & Rossi, 1979; Mahoney, 1991). É possível também que esse modo de funcionamento leve a fortes dificuldades relacionais, pois tamanha rigidez em sua concepção de realidade se desdobra em intolerância a divergências, considerando que o sujeito já demonstra uma certa hostilidade àqueles que ousaram estabelecer uma relação considerando esse mundo subjetivo. Em suma, o compartilhar de experiências particulares e íntimas seria, possivelmente, uma tarefa altamente difícil, ameaçadora e mobilizadora de consideráveis mecanismos de defesa.

Semelhante modo de funcionamento é profundamente marcado por um conjunto de automatismos que encadeiam sequências de reações que podem se constituir tanto enquanto expressão de um sofrimento, como modos de defesa quanto a qualquer situação que sugira invadir seu mundo. Nesse sentido, é nítido o aspecto reativo desse modo de funcionar (Martins,

2003), o que permite considerar tais processos dentro do espectro da secundidade, marcado principalmente por diagramas e índices em uma série de relações diádicas. Se as reações parecem se constituir, a bem dizer, enquanto índices, as sequências se organizam como grandes diagramas, possivelmente tendo como objetos sequências de experiências anteriores de ansiedade, aceleração de tempo, ataques emocionais, desqualificações de outros, pressões sociais de diversas ordens, etc.

Nesta lógica, a configuração do sujeito aparenta se caracterizar por um grande conjunto de possíveis reações, na qual a simbolização pouco está presente, enquanto mediação e reflexão crítica, e pela rigidez, impede o acesso a potenciais processos de mudança e criação de alternativas (Neubern, 2016). Nesse campo, é possível conceber que a dimensão simbólica seria caracterizada em termos de hábitos já bastante estabelecidos de reação e vitalidade, conferindo forte rigidez e monotonia na experiência vivida do sujeito, enquanto os campos de emocionalidade e de trocas afetivas significativas encontram-se escassos. Não é raro que pessoas com este tipo de funcionamento, possuam alguma forma de compreensão de seus problemas, contudo, se sentem impotentes e incapazes de fazer qualquer coisa para sair dos intrincados encadeamentos de reações de seu próprio mundo vivido. Entretanto, isso não deve supor que o pensamento consciente e deliberado do ego seja capaz de promover tais mudanças, que precisam se efetivar a partir de processos mais profundos de agenciamento.

No que diz respeito ao papel da iconicidade na forma de comunicação hipnótica deste caso, especificamente, é possível destacar dois pontos em particular. Primeiramente, ao criar uma forma de comunicação intensamente similar à do sujeito, o terapeuta favoreceu uma dimensão reativa diferente entre ambos, de maneira a lhe tirar de uma atitude de oposição até situa-lo, ao longo do processo, numa atitude mais colaborativa. É curioso destacar que essa semelhança entre modos de expressão e comunicação, inclusive em diferentes signos (palavras, pausas e gestos) favorece o estreitamento da responsividade de modo que ambos se

empreendem no estabelecimento de uma sintonia marcada pelo respeito. Isso é o que permite que as sugestões sejam passadas e possam repercutir intensamente no universo do sujeito, inclusive por conta da emocionalidade ali evocada.

Em segundo lugar, associado ao clima amistoso e favorável, as intervenções de Erickson evocaram processos de outra ordem, amplamente diferentes da lógica dominante reativa e defensiva do paciente. Trata-se da mobilização de experiências subjetivas, muito temidas pelo sujeito, com outras qualidades de sentimentos como o alívio de descansar, de contemplar o que é incerto e desconhecido, e o prazer de aprender passivamente. Nesse sentido, essa inserção de experiências via sugestão foi capaz de evocar experiências marginalizadas no próprio mundo do sujeito, situando-as em outros campos da experiência, de modo a promover novas formas de hábitos. Esse movimento, aparentemente sutil e despretensioso, é, contudo, de grande pertinência terapêutica, sendo capaz de favorecer mudanças de grande profundidade em dimensões e temas relevantes do mundo do sujeito. A questão passará, por outro lado, pelas possibilidades de uma apropriação mais ampla, envolvendo os temas do agenciamento (Gallagher, 2012) ou de hábitos e hábitos de mudança de hábitos (Noth, 2016).

Capítulo 4

Iconicidade no Conto de Histórias

4.1) Contos de histórias

Erickson raramente respondia perguntas de seus discípulos diretamente pois respostas claras e objetivas, por mais sedutoras que fossem pelo seu poder explicativo, não surtiam os efeitos que ele verdadeiramente desejava. Todavia, frequentemente respondia com histórias sobre si mesmo, sua família, seus filhos, e colegas de trabalho (Erickson & Rossi, 1980) as quais envolviam situações reais e relacionadas a experiências cotidianas em seus diversos aspectos. Dentro dessas histórias entremeava, sem dúvidas, várias sugestões (Erickson, 1966), mas as histórias em si cumpriam um papel em sua técnica que transcendia o de veículo ou condensador de outras técnicas de sugestão. Apesar de muitas vezes ter frustrado seus discípulos que se demonstravam ávidos por respostas e conclusões advindas de alguém com autoridade no meio em que encontravam (O'Hanlon, 1994), estas histórias constituíram-se enquanto memórias importantes do aprendizado destes terapeutas, dos quais muitos perceberam, em retrospecto, como influenciaram tomadas de decisões que definiriam seus caminhos (Vesely, 2014).

O conto de histórias pode ser utilizado em praticamente todos os momentos da clínica ericksoniana, seja fora de transe como em um momento de anamnese ou diagnóstico. Nas intervenções em si pode facilitar o estabelecimento de um vínculo e responsividade, induzir ao transe, sugerir soluções, evocar sentimentos e ideias de forma ilustrativa, redefinir um problema, assim como promover processos reflexivos e fenômenos hipnóticos de diversas ordens (Erickson & Rossi, 1980).

4.2) Conceito

Para se compreender o motivo de tamanha importância dada ao conto de histórias é necessária uma noção de como concebia o potencial e a forma de comunicação com o inconsciente. No que é relevante a este capítulo, Erickson (1983; Erickson & Rossi, 1980) ressalta dois pontos: 1) O inconsciente é a parte da mente que lida primeiramente com pensamento simbólico, no qual não há necessidade de uma orientação por uma realidade externa, pois nela mesma existe a capacidade para esta orientação e; 2) a mente inconsciente é o armazém de experiências, aprendizados e atitudes de uma pessoa. Estas compõem um *background*, uma base experiencial histórica, pela qual todos somos influenciados. Com base nestes pontos, Erickson afirma que assim como uma experiência traumática horrível pode condicionar uma pessoa com tremenda força e rigidez, uma experiência prazerosa também o pode (Erickson & Rossi, 1980; Erickson, 1983).

No primeiro ponto, Erickson comenta sobre o caráter representativo no qual o inconsciente opera. A questão da orientação externa se refere a como o inconsciente não necessita da presença material de algo para que isto dê início ao pensamento, por exemplo, a visualização de um copo com água gelada com gotas se acumulando nas suas laterais é possível sem a presença concreta do objeto em si. Apenas a ideia, a memória, o conhecimento, já são suficientes para que este processo seja possível para o inconsciente (Erickson, 1983). Numa perspectiva semiótica, este ponto não fala apenas da natureza simbólica do pensamento, mas sim de seu caráter sígnico. Os próprios interpretantes já desenvolvidos são suficientes para um processo de visualização sem a necessidade de um índice visual externo.

O segundo ponto, toca justamente em como essas experiências e aprendizados influenciam a vida cotidiana, e a intensidade que esta influência é capaz de assumir, no entanto, a natureza das experiências capazes de mobilizar profundamente o modo de funcionamento do sujeito não é apenas negativa. As experiências prévias contidas neste armazém, assim como

suas várias características sensórias, sentimentais, relacionais, podem ser utilizadas para benefício terapêutico do sujeito, porém o inconsciente opera em uma lógica de representação, que não é necessariamente a lógica racional. A evocação destes aprendizados, então, deve ocorrer em uma lógica de primeiridade, onde suscita-se as qualidades por semelhança (ícones), e não por menção direta (índices) ou um saber racional (símbolo). Assim que iconicidade presente nos contos de Erickson mobilizavam muito mais processos internos relacionados as situações questionadas por seus discípulos do que meras respostas objetivas poderiam.

O conto de histórias acessa várias dimensões de experiência quando em sua narrativa encontram-se elementos que evocam no sujeito experiências de mesma ordem. A descrição de um evento em família durante um feriado fazem emergir no ouvinte memórias, possivelmente envolvendo parentes de mesmo grau de relação que aqueles contidos na história, como uma mãe, ou um avô, e os sentimentos associados a sua relação estas figuras, ou cenas de como passou aquele feriado em datas passadas, independente de com quem. De mesma maneira, o terapeuta pode focar em um dos elementos destas cenas e descrever sentimentos, sensações, experiências estéticas, detalhadamente trazendo a superfície aquelas qualidades, facilitando que se manifestem em uma próxima vivência pertinente. As descrições como mencionadas estão atribuídas de grande teor imagético e diagramático, porém, o uso intencional da cena pelo terapeuta pode dar o caráter da sugestão enquanto uma alegoria, um paralelo a uma situação a qual o sujeito intérprete faz referência, o que acrescenta significativamente seu teor remático.

Esta capacidade de imbuir uma sugestão majoritariamente de teor alegórico é característica ao conto de histórias, o que lhe auxilia não só a adentrar em dimensões sentimentais e fundantes daquelas experiências, mas inspirar profundos processos reflexivos por emparelhar generalidades típicas de uma dimensão terceira. Desta forma, os posicionamentos frente a outros, frente a vida e suas situações, seus valores e raízes de origem,

todos podem tomar parte na experiência de transe enquanto se encontram fortemente presentes junto às qualidades que os embasam.

4.3) Caso 2

Erickson (1966) relatou o caso de um paciente, fazendeiro aposentado de 62 anos, com ensino completo até a 8ª série, inteligente para tomar decisões e com gosto para leitura. Possuía uma personalidade extrovertida e agradável, mas no momento se encontra infeliz, hostil e cheio de ressentimentos. Aproximadamente a dois anos atrás, por motivos desconhecidos e julgados como sem importância para o autor, o paciente desenvolveu uma frequência urinária angustiante. A cada trinta minutos, aproximadamente, ele sentia vontade intensa de urinar, esta vontade era dolorosa, fora de seu controle, e que resultava em urinar em suas calças caso não a atendesse. Essa vontade era constante durante o dia e a noite. Interferia no seu sono, na sua alimentação, na sua vida social, e o levava a manter-se perto de um banheiro e a carregar uma pasta com vários pares de calças caso fosse pego de surpresa. Ele explicou que trouxera para a consulta uma pasta com três pares de calças, que foi no banheiro antes de sair para o consultório, outra vez no caminho, e uma terceira antes de entrar para a consulta, e já contava que teria de interromper a consulta pelo menos uma vez para tal.

Contou que consultou mais de 100 médicos e clínicas bem conhecidas. Fez mais de 40 cistoscopias [exame interno da bexiga], inúmeros raios-x e outros testes. Toda vez retornavam dizendo que sua bexiga era normal; muitas vezes foi pedido para retornar no próximo mês para um melhor estudo; e “vezes demais” lhe disseram que tudo estava na cabeça dele, que ele não tinha problema algum e que devia se ocupar fazendo outra coisa além de ser aposentado e ficar enchendo o saco de médicos à toa. Tudo isso o fez pensar em cometer suicídio.

[...]Por conta própria, após ler livros fraudulentos de “faça hipnose você mesmo”, procurou a ajuda de hipnotistas de palco, três no total. Todos prometeram curas milagrosas,

coobraram valores exorbitantes, muito acima do valor de uma consulta médica, e todos falharam completamente em qualquer tentativa de colocá-lo em transe.

Como resultado de todas as falhas e abusos, tanto de médicos quanto de charlatões, tornou-se amargo, desiludido, ressentido, abertamente hostil, e seriamente inclinado a cometer suicídio. Um atendente de um posto de gasolina o sugeriu ver um psiquiatra e recomendou o autor [Erickson] baseado em um artigo do jornal de domingo. E assim chegou à consulta.

Ao terminar de contar de contar sua história, encostou-se na cadeira, fechou os braços, e desafiadoramente disse, “agora me psiquiatrize e me hipnotize e cure essa – bexiga minha”. (pp. 199 – 200).

Aqui, Erickson rapidamente o induziu ao transe contando sobre o crescimento de pés de tomate, um tema que obteve muito sucesso com outro paciente que também cresceu trabalhando com plantações e se encontrava com sentimentos semelhantes quando foi visitado por Erickson. Eis um trecho significativo desta história.

“Eu cresci em uma fazenda em Wisconsin e eu gostava de plantar flores. Eu ainda gosto. Eu vou falar muitas coisas para você, mas não serão sobre flores. Isto não é o que você quer. Agora, enquanto eu falo, e eu posso fazer isso confortavelmente, eu gostaria que me ouça confortavelmente enquanto falo de um pé de tomate. É algo estranho de se falar sobre. Deixa os outros curiosos. Por que falar de um pé de tomate? Alguém põe uma semente de tomate no chão. E pode sentir muita esperança de que ela vai crescer e se tornar um pé de tomate que trará satisfação pelos frutos que ele tem. A semente absorve a água, não é muito difícil fazer isso por causa das chuvas que trazem paz e conforto e a alegria de crescer para as flores e tomates. Aquela pequena semente lentamente incha, e manda para fora uma pequena raiz com cílios nela. Você pode não saber o que cílios são, mas cílios são coisas que trabalham para ajudar a semente de tomate crescer, para empurrar para cima o solo enquanto a planta brota, e você pode me ouvir, então continuarei falando e você pode continuar escutando, imaginando,

apenas imaginando o que você pode realmente aprender, mas falando de um pé de tomate, ele cresce bem devagar. Você não consegue vê-lo crescer, você não consegue ouvi-lo crescer, mas ele cresce – as primeiras coisas parecidas com pequenas folhinhas no caule, os pequenos cabelinhos nas hastes, esses cabelinhos estão nas folhas também, assim como os cílios na raiz, eles devem fazer o pé de tomate se sentir muito bem, muito confortável se você consegue pensar em uma planta enquanto sentimento, e você não a vê crescendo, você não a sente crescendo, mas outra folha aparece no pequeno caule do pé de tomate e depois outra. Talvez o pé de tomate se sinta bem confortável e em paz enquanto cresce.” (pp. 205 – 206)

Enquanto contava a história, repetidamente foi entremeando várias sugestões em relação ao problema de frequência urinária. Resumidamente, foram comunicadas da seguinte forma:

“Sabe, nós podíamos pensar na sua bexiga precisando esvaziar a cada 15 minutos ao invés de cada meia. . . hora. . . Não é difícil pensar isso. . . Um relógio pode ir devagar. . . ou rápido. . . estar errado 1 minuto, até. . . até 2, 5 minutos. . . ou pensar na bexiga a cada meia hora. . . como você tem feito. . . quem sabe foram 35, 40 minutos as vezes. . . seria bom virar uma hora. . . qual a diferença. . . 35, 36 minutos, 41, 42, 45 minutos. . . não é muita diferença. . . não é diferença importante. . . 45, 46, 47 minutos. . . tudo o mesmo. . . muitas vezes você talvez tenha tido que esperar um segundo ou dois. . . sentiu como uma hora ou duas. . . você conseguiu. . . você consegue de novo. . . 47 minutos, 50 minutos, qual a diferença. . . pare pense, nenhuma grande diferença, nada importante. . . assim como 50 minutos, 60 minutos, apenas minutos. . . qualquer um que pode esperar meia hora pode esperar uma hora. . . eu sei disso. . . você está aprendendo. . . não é ruim aprender. . . na verdade, bom. . . pensando bem, você teve que esperar quando alguém chegou lá primeiro que você. . . você conseguiu também. . . pode de novo. . . e de novo. . . tudo que você quiser. . . uma hora e 5 minutos. . . uma hora e 5 minutos e meio. . . qual a diferença. . . ou até 6 minutos e meio. . . faça 10 horas e meia e 10 minutos e meio. . . um minuto, 2 minutos, uma hora, 2 horas, qual a diferença. . . você tem meio século ou

mais de prática em esperar atrás de você. . . você pode usar tudo isso. . . por que não usar isso. . . você consegue. . . provavelmente se surpreender bastante. . . nem pensará sobre isso. . . por que não se surpreender em casa. . . boa ideia. . . nada melhor do que uma surpresa. . . uma surpresa inesperada. . . quanto você consegue segurar. . . essa é a surpresa. . . mais do que você pensou. . . bem mais. . . pode até começar. . . bom sentimento de começar. . . e continuar. . . Diga, por que você não simplesmente esquece sobre o que eu estive falando e guarda no fundo da sua mente. Bom lugar para isso – não tem como perder. Esquece o pé de tomate – só o que era importante sobre sua bexiga – muito bem, se sente bem, boa surpresa – diga, por que você não começa a se sentir descansado, renovado agora mesmo, mais acordado do que você estava mais cedo de manhã. Então, por que você não faz uma caminhada prazerosa pra casa, pensando sobre nada? [uma instrução de amnésia tanto para o transe quanto para seu problema, e uma medida de confusão para esconder o fato de que já tinha passado 1 hora e meia na consulta]. Eu vou poder vê-lo as 10 da manhã uma semana a partir de hoje [aprofundando sua ilusão consciente, resultante de sua amnésia, de que nada ainda foi feito exceto marcar um horário de consulta].”

Uma semana depois, o paciente aparece e conta excitadamente como chegou em casa e ligou a televisão com uma firme intenção de demorar o máximo possível para ir no banheiro novamente. Assistiu um filme de duas horas, sendo que bebeu dois copos d’água durante os comerciais. Após, decidiu estender o tempo por mais uma hora, até perceber que já estava muito cheio e foi ao banheiro urinar. Quando olhou as horas, descobriu que havia esperado quatro horas. Jogou suas costas no encosto da cadeira sorrindo de alegria a Erickson. Surpreso com algo, se debruçou novamente e contou que agora estava se lembrando de tudo agora “[...] Você estava falando bastante de um pé de tomate e eu estava tentando chegar no ponto, e a próxima coisa que eu lembrava era estar andando para casa. Pensando bem, eu devo ter passado mais de uma hora no seu consultório e passei uma hora andando para casa, Não foram quatro horas

que eu segurei, foi no mínimo umas seis horas. E isso tudo foi uma semana atrás. Agora eu me lembro que não tive problemas a semana inteira – dormi bem – sem me levantar. [...] Então quando eu disse para você me psiquiatrizar e me hipnotizar, você levou bem a sério.[...]”.

Em essência, o caso foi concluído e o restante da hora foi gasta em conversa social observando qualquer dúvida ou incertezas do paciente. Nos meses seguintes, não houve nenhuma ocorrência. (pp.200 – 201).

4.4) Explicações Clínicas

Fora a imediata compreensão de seu ressentimento e agressividade, observa-se alguns aspectos relevantes na descrição da demanda em questão que podem ter contribuído para a escolhas das sugestões terapêuticas. 1) A temporalidade é um dos aspectos centrais do sofrimento, tanto na frequência com a qual a vontade dolorosa emerge, como na forma que altera o planejamento cotidiano e gera ansiedade para quando será a próxima incidência. 2) o sujeito, apesar de desiludido e desesperançoso, é determinado na sua busca por uma solução, visto que esgotou praticamente todas as possibilidades antes de chegar a Erickson. 3) Pouca ou nenhuma questão de cunho simbólico ou emocional apresenta relevância para a frequência urinária em si, os processos que compõem a experiência geradora de sofrimento pertencem mais a uma dimensão vital, fisiológica.

A dimensão subjetiva e sentimental, no entanto, se apresenta nos impactos que as alterações de seu organismo geraram em sua vida em termos de relações sociais, espaços de convivência acessíveis, constrangimentos públicos, e a acumulação de inúmeras buscas de tratamento, tradicionais, alternativos e inovadores, dos quais muitas degradingaram-se em insultos a seu caráter e moralidade sem qualquer impacto significativo na sua demanda e acrescidos de grande custos financeiros. Logo, a forma que se relaciona com Erickson sob este humor hostil e amargo se demonstra mais como um mecanismo de defesa (Martins, 2003) que

o protege promovendo uma insensibilidade sobre uma situação que constitui enorme vulnerabilidade física e social. Para evitar futuros abusos e falsas esperanças, esta postura é habitada pelas memórias e dores emocionais envolvendo as injustiças, ofensas e constrangimentos, que a retroalimentam.

A intervenção de Erickson aborda a situação do paciente por vários níveis de comunicação diferentes. A história do pé de tomate age com uma multiplicidade de papéis na medida que: remete a temáticas de crescimento, mudança e sensibilidade; ao mesmo tempo, insufla sentimentos de paz, conforto e esperança; veicula e facilita a aceitação das sugestões entremeadas e; estabelece relações alegóricas entre vivências do paciente e os sujeitos das ações da história (o pé de tomate em si, suas raízes, folhas e frutos). A história em si direciona-se mais a esta dimensão subjetiva da demanda enquanto, por outro lado, as sugestões entremeadas fazem referência a sua frequência urinária, ações concretas e a evocação de fenômenos hipnóticos.

4.5) Semiótica e Iconicidade

4.5.1) O pé de tomate.

A história do pé de tomate age principalmente sobre dimensões de primeiridade e terceiridade. Sua escolha, como o próprio autor ressalta, foi baseada na história de vida do paciente e do autor com objetivo de utilizar experiências de vários anos com a qual o paciente tem familiaridade e que constituíam grande fonte de realização e felicidade para ele. Esse aspecto é relevante a momentos como aquele em que o conto menciona os sentimentos relacionados a expectativa de crescimento do tomate como esperança, e a satisfação de ver seus frutos, que fala de uma realidade subjetiva muito habitual a um fazendeiro permitindo evocação destes sentimentos não apenas como uma generalidade, mas junto a diversas memórias que embasam e intensificam sua significância. Ao mesmo tempo, na experiência de transe, os

símbolos de crescimento e mudanças procuram novas relações pertinentes com eventos atuais, por exemplo, a forma que as raízes do tomate possuem recursos pouco conhecidos para superar adversidades e abrir caminho pelo solo pode permitir novas relações entre processos ligados a mudanças em andamento. Ou, o modo como não se vê, ouve, ou sente uma planta e um fruto crescer não significa que não estão crescendo lentamente, algo que um fazendeiro tem completo conhecimento, mas pode ser associado ao modo que dificilmente ele observará as mudanças em si ocorrerem, e despotencializar uma expectativa ansiosa que mais impede do que facilita o processo de reconfiguração. Estas associações são alegóricas e apesar de poderem ter certo direcionamento pelo terapeuta pela forma como apresenta estes campos, é a lógica interna das configurações subjetivas envolvidas que as relacionam espontaneamente.

Em diversos momentos o conto faz sugestões cujos objetivos aparentam ser potencializar as outras sugestões em andamento ou facilitar sua aceitação. O conto, assim como os entremeamentos em questão, inclui elementos de temporalidade, notáveis quando se remete a velocidade lenta do crescimento, de maneira que não é possível observá-lo acontecer. Considerando que a sessão do caso durou uma hora e meia, e as sugestões foram se repetindo ao longo deste período, cogita-se a possibilidade de que ajam intensificando o espaçamento de tempo da frequência urinária sugerido nos entremeamentos, assim como afastando-os da mente consciente ao sugerir que não são observáveis. Este aspecto de uma certa invisibilidade do crescimento e das mudanças é relacionado também aos sentimentos que crescem junto aos frutos do pé de tomate e o preenchem. Estes trechos relacionados possuem características diagramáticas por mostrarem as relações entre seus elementos, entre uma forma de percepção, seja velocidade ou visibilidade, e o crescimento da planta. Assim, pelo caráter alegórico que estes signos possuem dentro do contexto, estas relações diagramáticas são processadas junto aos campos que a alegoria evoca também.

Os sujeitos de ação do conto, como as raízes, as folhas e o tomateiro em si, tem seus papéis constantemente assimilados a outros elementos promovendo novas relações nos processos do paciente. Estas associações tem um caráter bem impreciso, e como já mencionado, podem ser feitas tanto pelo sujeito de forma espontânea, como pelo terapeuta pela forma que são apresentadas no contexto. O pé de tomate é onde todas as mudanças ocorrem no conto e diversas vezes atribui-se a ele sentimentos e sensações, que são simultaneamente sugeridas ao paciente. A alegoria, apesar de fazer essa relação diretamente, atrai o sujeito a se pensar enquanto o pé de tomate, e o crescimento enquanto as mudanças que precisam acontecer e que estão sendo propostas por de várias formas. Quando Erickson fala “talvez o pé de tomate se sinta bem confortável e em paz enquanto cresce”, a mente do leitor do caso associa ao paciente e suas sensações naquele momento. A iconicidade de cada elemento e os processos de interpretação conscientes e inconscientes de cada sujeito que determina os elementos a serem associados, e está lógica não respeita as referências da lógica racional, ou seja, se o sujeito é o pé de tomate, suas raízes não são necessariamente seus pés e as folhas seus braços. Em um dado momento ele pode ser a raiz, em outro, seus problemas físicos serem a planta na sua totalidade, ou os tomates crescendo no pé cheios de bons sentimentos podem ser sua bexiga, e a água que absorve ser a voz de Erickson à qual escuta atentamente naquele momento. É por esse motivo que a comunicação alegórica é a mais complexa dentre os hipóícones e a mais remática, pois os objetos com os quais pode se associar para gerar interpretantes são vastos.

O conto do pé de tomate envolve sim elementos de secundidade, se não envolvesse dificilmente geraria algum significado ou facilitaria alguma relação entre os processos do sujeito, todavia, pouco se faz referência a algum existente de fato, contendo poucos ícones. Os elementos de secundidade mais presentes são aqueles que auxiliam os diagramas (segundas-primeiridades) a demonstrar suas relações e nos momentos que Erickson propõe campos que

pretende que o sujeito associe pela ordem que são sequenciados. Os índices em si aparecem mais nas sugestões entremeadas a seguir.

4.5.2) Entremeamentos.

As sugestões terapêuticas que foram entremeadas podem ser organizadas em três categorias principais, a distorção temporal, a tarefa e as sugestões pós-hipnóticas, respectivamente. O elemento de temporalidade é abordado imediatamente, Erickson utiliza o que bem possivelmente seria um grande medo do sujeito, que sua frequência urinária passe a intervalos ainda menores acometendo ainda mais sua vida cotidiana. Esta situação a qual o paciente provavelmente evita pensar é voluntariamente convidada a uma reflexão, meramente por exercício de imaginação. Erickson considerava que, em certos casos, convocar aquilo que era involuntário e indesejável alterava a relação do sujeito com o que temia, despotencializando seu poder sobre o sujeito por não ser mais um evento inesperado (Erickson & Rossi, 1979).

Logo após, começa a entremear sugestões um pouco mais complexas de como um relógio pode andar em diferentes velocidades, estar errado por alguns poucos ou vários minutos. O relógio em si pode ser considerado uma referência alegórica ao relógio interno de sua disfunção, não apenas na questão do tempo, mas por ser determinado por uma realidade material inflexível – sua concepção da dimensão fisiológica de seu problema – que independe de aspectos subjetivos, sentimentos ou emoções. Neste sentido, a ideia de flexibilização do funcionamento do relógio pode agir como sugestão de flexibilização da frequência urinária.

Em seguida, o modo de funcionamento atual do sujeito é situado dentro das sugestões em andamento com um índice direto, “como você tem feito”, e retoma a temática de flexibilização do tempo, ponderando se realmente era de meia em meia hora que ele ia ao banheiro e como seria bom se fosse uma hora. Após, Erickson indaga-se como provavelmente já houveram situações em que tivera de esperar mais tempo para ir ao banheiro e foi capaz, esta

descrição (diagrama) pode evocar várias referências de sua vida viabilizando que o sujeito associe recursos internos ao aprendizado em andamento.

A tarefa é proposta como uma forma de surpreender a si mesmo, uma surpresa agradável para o consciente, que se encontra focado na história do tomateiro em crescimento, a surpresa de quanto tempo conseguiria segurar e como provavelmente seria um tempo que nem conseguiria imaginar. Nota-se que o uso de índices é mais frequente nesta sessão, “quanto você consegue segurar... essa é a surpresa” o objetivo da tarefa é declarado assertivamente enquanto os aspectos relacionados a duração se mantêm abstratos com o uso de signos imagéticos “bem mais”. A transição para as sugestões pós-hipnóticas inicia após suscitar a possibilidade de começar naquele instante, e de como é agradável a sensação de começar e de manter.

As sugestões pós-hipnóticas neste caso assumem duas funções, sugerir uma amnésia do transe e do seu problema, e marcar seu retorno ao consultório. Especificamente, a amnésia do transe é sugerida quando lhe pede para ponderar sobre esquecer tudo que foi falado, e a sugestão é intensificada com o signo diagramático de guardar no fundo da mente, com a ressalva de não ter como perder, logo, a memória poderia ser resgatada. E, a amnésia do problema é reforçada pela forma que lhe é sugerido caminhar para casa pensando sobre nada e como Erickson poderia vê-lo daqui a uma semana, sem qualquer menção de ser um retorno ou atendê-lo novamente para manter coerência com a amnésia. Esta tarefa é proposta da mesma forma que a amnésia anterior, uma indagação na qual um signo diagramático descreve um possível curso de ação do sujeito, “Então por que você não faz uma caminhada prazerosa pra casa, pensando sobre nada?”, e a consulta seguinte é descrita por índices informando quando poderá vê-lo.

4.6) Reconfigurações de Experiência

Independente da diferença marcante entre os dois eixos de sugestões, conto do pé de tomate para questões subjetivas e os entremeamentos para questões de corporeidade, elas

confluem de forma muito natural em determinados objetivos, principalmente em torno da temporalidade e do direcionamento inconsciente. O conto do tomateiro comunicou várias sugestões de lentidão que entraram em comunhão com a distorção temporal trabalhada no eixo de corporeidade. Por outro lado, a distorção temporal em si foi reforçada pelos sentimentos de prazer, paz e conforto, facilmente associados a momentos em que o tempo passa despercebido, os quais o paciente estava experienciando naquele instante. A história nitidamente também serviu o propósito de veículo para que a técnica de entremeamento pudesse ser utilizada, mas à medida que insinuava o caráter invisível, inobservável das mudanças e direcionava o paciente a um aprendizado passivo enquanto apreciava as sensações, protegia todos os entremeamentos de uma análise consciente que limitaria seus efeitos.

O paciente chegou com um sério problema de origem desconhecida, a totalidade dos fatores que contribuíram para esta configuração não é clara, podendo envolver um funcionamento ansioso, ou fatores fisiológicos, mas que se manifestaram de forma mais relevante pela mudança na frequência urinária. E junto a ele, uma bagagem de experiências e ressentimentos de abusos físicos, emocionais, sociais e financeiros surpreendente para o período de dois anos com o qual conviveu com a disfunção, que o faziam considerar suicídio uma opção. Seu humor e modo de relação com outros, especialmente profissionais da saúde, haviam se modificado severamente do que é descrito como um homem agradável e gentil para uma pessoa desiludida e amarga, devido às dores, a falta de sono, e às interações sociais que teve durante estes anos. É possível que outras correntes de psicoterapia considerassem necessário engajar na busca da origem deste sintoma, fosse sob um foco de processos intrapsíquicos, como visto nos procedimentos psicanalíticos (Martins, 2003), ou na história do sistema familiar e redes de convivência, por uma perspectiva da abordagem sistêmica (Keeney, 1983). Para Erickson, é possível que o fato de o paciente não mencionar em sua descrição da demanda qualquer aspecto relativo ao momento de origem da disfunção, ou não discutir

qualquer hipótese em referência ao motivo de seu surgimento, já tenha sido o suficiente para descartar a origem da disfunção como importante e passar a considerar apenas a trajetória e os hábitos sobre os quais informou vários detalhes.

A configuração de sofrimento do sujeito estava centrada na frequência urinária, os graves abusos vivenciados podiam sim já ter seus núcleos próprios, mas só se encontrava vulnerável a tais situações por conta da disfunção da bexiga. A intervenção utilizada no caso, contudo, aborda os dois processos em questão concebendo um eixo onde imbuíram-se signos de sentimentos e resgates de sentido de vida que permitiu acesso aos esquemas corporais (Neubern, 2018) que compunham aquele modo de funcionamento. O êxito da intervenção no ponto dos hábitos fisiológicos foi de suma importância para uma devida reconfiguração da experiência, enquanto êxito apenas no eixo sentimental se assemelharia mais a um paliativo, ou um processo de conformação do sujeito frente a causa de seu sofrimento.

A iconicidade de ambas as frentes de sugestão favoreceu mudanças em um ponto de suma importância no esquema corporal do sujeito, a temporalidade, à qual o fenômeno de amnésia evocado também fazia referência. É comum que pacientes com dores crônicas de grande frequência desenvolvam mecanismos que centram a atenção na previsão da próxima ocorrência da dor (O'Hanlon & Hexum, 1990; Neubern, 2018), o que acarreta em sofrimento por antecipação e um funcionamento ansioso que reafirma a configuração de dor. Deste modo, a evocação de amnésia costumar estar presente nas experiências de transe para que a dor não se intensifique por antecipação, e a logo prazo esta rede de hábitos possa se desfazer.

O conto do pé de tomate, neste ponto, facilitou o processo de transe o conectando a imagens e sentimentos que partiam de experiências prazerosas de décadas vividas. Cogita-se também que o paciente não esperasse que um doutor tivesse origem em uma vida de fazendeiro em Wisconsin, o que pode ter desvencilhado Erickson da figura de profissional de saúde, tão ressentida pelo paciente, para alguém com quem tivesse algo em comum, auxiliando estabelecer

a responsividade necessária para a indução do transe. Este movimento de apreciação e apropriação de recursos terapêuticos conectados a um eixo de realização existencial e identidade possui grande impacto terapêutico a medida que os conecta com aprendizados atuais mediados pelos sentimentos que os une.

Capítulo 5

Iconicidade no Drama Ericksoniano

5.1) Drama

Erickson em si nunca fez menção a noção de drama como um aspecto de sua forma clínica. Esta concepção foi levantada em retrospecto a seus casos clínicos por parte de discípulos e estudiosos de suas obras (Neubern, 2012; Zeig & Geary, 2002). No drama, o terapeuta assume para si a representação de um papel, seja um personagem específico ou um papel geral reconhecido socialmente pelo seu pertencimento a um determinado campo, com propósito de que desempenhe uma função terapêutica, ou possivelmente induzir ao transe.

A compreensão da dimensão dramática na comunicação hipnótica favorece um entendimento de como produções simbólicas de uma dimensão sociocultural estão presentes alegórica ou metaforicamente nos processos comunicativos e relacionais. Desta forma, exercem influência nas semioses e, porventura, na produção de interpretantes do sujeito.

5.2) Conceito

A noção de drama utilizada neste capítulo é a de como papéis e personagens representantes socioculturais de um campo ou um saber podem ser comunicados de forma não-verbal mas compor um campo simbólico com poder determinante sobre os processos de interpretação e modo de relação entre os interlocutores.

5.3) Caso 3

Erickson (Zeig, 1980) conversando com o grupo no terceiro dia de seu seminário:

Eu recebi uma ligação do Canadá. A voz de uma mulher disse “eu sou uma médica, meu marido é médico e temos 5 filhos. A do meio tem 14 anos, menina. Ela está no hospital com anorexia nervosa. Durante este último mês ela perdeu 2 kilos e ela pesa 27,5 kilos. Meu marido

e eu sabemos que ela em breve vai morrer. Ela já recebeu alimentação intravenosa, tubal, retal, persuasão, nada funciona.”

Anorexia nervosa normalmente ocorre em meninas adolescentes e pode ocorrer em homens e mulheres adultos. É uma doença psicológica, as pessoas se identifica com Deus, com Jesus, com Maria, com algum Santo ou uma religião em geral e, voluntariamente, se matam de fome. Acham que um biscoito de água e sal e um copo de água por dia é toda a nutrição que precisam. Eu já vi no hospital pelo menos 50 casos de anorexia nervosa que morreram. Mesmo assim, os médicos fizeram todo esforço, com a adequada dignidade médica e comportamento profissional, para salvar as vidas deles.

[...] A relação emocional com a família – eu não sei como descrever. Eles são mansos, dóceis. Nunca fazem uma coisa errada. Pedem desculpas por tudo, mas não comem. E não conseguem ver que são pele e osso. Uma menina de 14 anos, de estatura normal, pesando 27 kilos é algo horrível de se ver. Mas a maioria das sociedades profissionais vai, em geral, olhar para o outro lado e deixar os pacientes de anorexia morrerem enquanto tentam trata-los com dignidade profissional e cortesia.

A mãe havia lido o *Terapia Não-Convencional*, aquele livro do Jay Haley sobre minhas técnicas, e ela disse, “Tanto meu marido e eu achamos que se alguém pode salvar a vida da nossa filha, seria você”. Eu a disse, “Deixe-me pensar por dois dias e me ligue novamente”. Eu pensei sobre o assunto e disse a mãe, quando ela ligou, para trazer sua filha para Phoenix para me ver.

A mãe e Barbie vieram. Barbie era uma menina muito boa, esperta e inteligente, exceto que ela só comia um biscoito e um copo de refrigerante diariamente. Isso era tudo. Eu comecei a questionar Barbie. Eu a perguntei o número da rua da sua casa em Toronto, a mãe respondeu. Eu perguntei a Barbie o nome da rua, a mãe respondeu. Eu perguntei a Barbie qual era sua

escola, a mãe respondeu. Eu perguntei a Barbie qual era a rua em que a escola ficava, a mãe respondeu. Eu deixei isso continuar por dois dias, a mãe respondendo todas as perguntas.

No terceiro dia, a mãe chegou com uma queixa, “Eu não dormi muito nas últimas três noites porque Barbie geme baixo a noite inteira e eu não consigo dormir”. Me virei para Barbie, “Isso é verdade, Barbie?” A mãe olhou para Barbie e Barbie disse, “Sim, eu não sabia que isso deixava mamãe acordada. Me desculpe.” Eu disse, “Só pedir desculpas não é o suficiente. Apesar de não ter sido sua intenção deixar sua mãe acordada, você a deixou acordada e eu acho que você deveria ser punida por mantê-la acordada. Barbie concordou, “Eu também acho”. Eu, em particular, disse a mãe como punir Barbie, “Faça um ovo mexido e dê para ela comer como punição”. E a mãe puniu Barbie fazendo-a engolir dois ovos mexidos. Agora, Barbie podia pensar que era punição, mas seu sistema digestivo achava que era comida. Então eu inquietei sua fisiologia e Barbie voluntariamente aceitou sua punição.

[...]Naquele mesmo dia eu disse para a mãe, “Toda vez que faço uma pergunta para Barbie, você responde por ela. Por exemplo, a última pergunta que fiz para Barbie, você respondeu. Agora, eu quero que você entenda algo. Eu perguntei aquilo para Barbie, e eu quero a resposta da Barbie e de agora em diante, mãe, você vai ficar de boca calada”. (Erickson gesticula fortemente com sua mão esquerda).

Vocês conseguem imaginar que tipo de efeito isso teve emocionalmente na Barbie, um completo estranho mandar sua mãe ficar de boca calada? Porque isso tinha de provocar uma reação emocional na forma que conversasse com a mãe dali para frente.

[...] Meu tratamento para Barbie foi lhe contar histórias curtas, metáforas, histórias de suspense, histórias intrigantes, histórias entediadas. Eu lhe contei todos os tipos de histórias, pequenas histórias. [...] Eu contei para ela como minha mãe cuidava de uma pensão para um campo de mineração e que o número de mineradores na mina mudava constantemente. [...] Minha mãe descobriu que sua primeira tarefa era: Deixar pronto o pedido para os merceeiros –

[...] tudo necessário pelos próximos seis meses porque os comerciantes que traziam as mercearias vinham em um time de vinte mulas, apenas duas vezes no ano. E quando você cuida de uma pensão você não pode ficar sem suprimentos. [...] Isso impressionou muito a Barbie, porque a mãe dela a ensinou muito sobre cozinha antes dela ficar doente. Barbie ficou muito interessada nesta história. [...] Conte para ela como minha mãe fazia pedidos para os próximos seis meses. Serviam torta em todas as refeições e os mineradores enjoados de torta de maçã seca, então um dia minha mãe fez um agrado, [...] ela os serviu torta de canela e todos gostaram. E ainda é minha torta favorita. Minha mulher e minhas filhas fizeram alterações na receita original.

A mãe ficou cansada de ouvir minhas histórias para Barbie e de me ouvir. Bob Pearson observou a consulta e disse ao final, “Eu não gostaria de ficar sentado te ouvindo contando histórias para ela. Você fez a pobre menina correr pra cima e pra baixo por toda a gama de emoções de novo e de novo. Eu até estou suando como resultado”. Eu disse, “As emoções daquela menina precisam de exercício”.

[...] Depois de umas duas semanas – eu não vi Barbie todo dia – a mãe dela disse, “Barbie nunca viu o Grand Canyon. Teria problema se tirássemos alguns dias e fôssemos ver o Grand Canyon?” Eu disse, “Parece uma excelente ideia”. E perguntei a Barbie se ela tinha interesse e disse a ela que eu era um médico e tinha que cuidar da saúde dela. “É por isso que sua mãe te trouxe para mim. E eu quero que você entenda minha autoridade médica. Até onde eu vejo, não tem nada errado com a sua saúde. Porém, eu sou um médico e sou obrigado a cuidar da sua saúde em todos os aspectos. E a única coisa que eu consigo pensar que posso fazer por você medicamente é fazer com que você escove os dentes e as gengivas duas vezes por dia”. E Barbie prometeu escovar os dentes duas vezes por dia. “Você deve usar um enxaguante para tirar a pasta de dente da sua boca para que você não engula. E você não deve engoli-lo também. Eu quero que você me prometa que você vai escovar os dentes e usar enxaguante duas vezes por dia”. E Barbie deu sua promessa absoluta de que iria escovar os

dentos e usar enxaguante duas vezes por dia. Eu disse a Barbie, “Para pasta de dente, qualquer uma com flúor servirá. E como enxaguante, tem de ser óleo de fígado de bacalhau puro”. (Erickson sorri).

(Para o Grupo) Se algum de vocês já provou óleo de fígado de bacalhau, sabem que depois não querem nem olhar na direção dele. E aqui estava Barbie, religiosamente bochechando óleo de fígado bacalhau puro. E eu acho que todos vocês sabem que depois de bochechar com óleo de fígado de bacalhau você tentaria lavar sua boca até com terra, porque tem um gosto realmente horrível.

E aqui estava Barbie se identificando com religião. Ela me fez uma promessa absoluta e foi pega. Sendo muito religiosa, ela tinha de cumprir sua promessa. Eu disse a sua mãe que comprasse uma garrafa de 230ml de óleo de fígado de bacalhau. E como sua mãe mencionou visitar o Grand Canyon, eu aprovei e sugeri vários outros lugares. Eu pedi para Barbie que tivesse certeza de levar seu enxaguante com ela, e para a mãe que ela lembrasse Barbie de levar seu enxaguante com ela. E então disse para a mãe, “e essa será a última vez que você mencionará enxaguante para ela. Você nunca notará que o enxaguante sumiu”. Eu sabia que Barbie não traria o enxaguante de volta com ela.

Então Barbie retornou depois do tour por Arizona com um fardo gigantesco de culpa. Ela tinha propositadamente deixado o enxaguante para trás e ela tinha me feito uma promessa absoluta. Então, ela tinha um fardo terrível de culpa. E Barbie não podia contar para sua mãe. Não podia contar para mim. Ela podia apenas se sentir culpada. E isso não mistura bem com identificação religiosa”.

[...] Um dia eu disse para a mãe dela, “Mãe, você poderia, por favor, ficar de pé? Qual a sua altura?” A mãe disse, “1,67m”. Eu acho que a mãe mentiu. Ela me parecia ter 1,75m. Quando você faz perguntas pessoais para algumas mulheres, elas às vezes modificam as respostas. Então perguntei, “quanto você pesa?” E ela disse orgulhosamente, “53 kilos, o mesmo tanto que

eu pesava quando casei”. (Erickson incrédulo), “53 kilos? E nos seus quarenta anos, e mãe de cinco filhos – e você pesa apenas 53 kilos? Mãe, você está abaixo do peso, seriamente. Você tem de pesar no mínimo 59 kilos – mais provavelmente entre 63 a 65 kilos. Mãe, você está subnutrida, abaixo do peso, e você tem a coragem de trazer Barbie aqui porque você achou que ela estava abaixo do peso? Barbie, eu quero que você faça com que sua mãe termine o prato dela todo dia, todas as refeições”. E Barbie olhou de forma diferente para sua mãe. “E, Barbie, se ela não terminar o prato dela, eu quero que você me conte no dia seguinte”.

Barbie aceitou seu trabalho. Um dia ela disse, “Eu esqueci de te contar ontem que no dia anterior minha mãe separou meio hambúrguer no almoço, enrolou em um guardanapo e guardou para comer de noite”. Eu perguntei, “Isso é verdade, mãe?” a mãe enrubescou, “Sim”. Eu disse, “Mãe, você cometeu uma ofensa contra minhas ordens e deve ser punida. E, Barbie, você também cometeu uma ofensa contra mim. Você deveria ter me contado sobre sua mãe ontem, mas não contou. Você esperou até hoje. Vocês duas cometeram ofensas contra mim e eu vou punir ambas. Então, amanhã de manhã as 9 horas, eu quero que ambas apareçam na minha cozinha com pão de forma e queijo, queijo americano comum”.

Quando elas apareceram, fiz com que pegassem dois pedaços de pão, e colocassem fatias grossas de queijo e esquentassem até derreter, tirassem, virassem, colocassem outra fatia grossa de queijo e esquentassem até derreter. Fiz com que comessem até a última migalha de seus sanduíches... de pão. E eles eram bem nutritivos. E eram punição.

Depois eu discuti algo com elas, “Eu acho que vocês não gostam de mim. Eu acho que vocês não gostam da forma que trato vocês, e que chegou a hora de vocês escolherem qual peso vocês devem estar para ir para casa”. A mãe escolheu 57 kilos. “Barbie, você pode querer escolher 34 kilos. Eu posso querer que você escolha 38 kilos. Podemos concordar em 36 kilos”. Barbie respondeu, “34 kilos”. Eu disse, “Tudo bem, você pode ir para casa quando pesar 34 kilos, mas se você não ganhar outras 2 kilos no primeiro mês que estiver em casa, sua mãe tem minhas

ordens para te trazer de volta para cá para ser minha paciente pelo tempo que eu quiser. E eu não acho que você vai gostar muito disso”.

Então, Barbie e sua mãe começaram a ganhar peso. Quando Barbie atingiu 34 kilos e a mãe 57 kilos, o pai trouxe o resto da família de avião. E eu entrevistei o pai primeiro. “Pai, qual sua idade, sua altura e quanto você pesa?” Ele me contou, e eu disse, “Mas doutor você está 2 kilos abaixo do seu peso médio para a sua idade e tamanho”. Ele disse “Isso é meramente uma medida preventiva”. Eu perguntei, “Existe algum histórico de diabetes na sua família?” Ele disse que não. “Doutor, você deveria se envergonhar pelo exemplo que dá para sua filha estando 2 kilos abaixo do peso e de apostar a vida da sua filha apenas por apenas 2 kilos”. Eu o repreendi fortemente e o pai ficou muito envergonhado.

Eu o mandei para fora da sala e chamei os dois irmãos mais velhos, “Quando que Barbie começou a ficar doente?” Eles disseram que há 1 ano. “Como ela mostrou isso?” Eles disseram, “Quando algum de nós tentava dar para ela alguma comida ou um presente, ela sempre dizia, ‘Eu não mereço, fiquem pra vocês mesmos’. E a gente deixava”. Então eu os repreendi por privar sua irmã de seus direitos constitucionais. Eu falei para eles que Barbie tinha o direito de receber o presente independente de qual uso ela faria. Mesmo se ela jogasse ele fora, ela tinha o direito de receber. “Vocês egoístas ficaram com os presentes pra vocês só porque ela disse que não merecia. Vocês roubaram sua irmã do direito de receber presentes”. Eles foram devidamente repreendidos. Eu os mandei pra fora e mandei Barbie entrar.

“Quando você começou a ficar doente, Barbie?” Ela disse, “Março passado”. Eu perguntei “Como você demonstrou sua doença?” Ela disse, “Bem, quando alguém me oferecia comida, fruta ou doces ou presentes. Eu sempre dizia, ‘Eu não mereço. Fica pra vocês mesmos’.” Eu disse, “Eu estou envergonhado de você, Barbie. Você roubou seus irmãos e seus pais do direito de te darem alguma coisa. Não faria diferença o que você fizesse com os presentes, mas

eles têm o direito de te dar presentes, e você os roubou do direito de te dar presentes e eu estou envergonhado de você. Você deveria estar envergonhada de si mesma”.

Barbie concordou que ela deveria ter permitido que seus pais e irmãos dessem presentes a ela. Não que ela tivesse de usa-los, mas que eles tinham o direito de dá-los a ela não importa o que ela fizesse com eles. Era 12 de março quando isso aconteceu. Barbie veio a mim em 11 de fevereiro. Eu a vi por um total de 20 horas. Minha filha se casou no 12 de março. Eu não assisti, mas minhas filhas sim. Elas viram Barbie comer um pedaço do bolo de casamento. No último dia antes de se despedir de mim, Barbie me perguntou se teria problema se seu irmão tirasse uma foto dela sentada no meu colo na cadeira de rodas. Aqui está a foto. Na época do Natal, Barbie me mandou uma foto de Bahamas dela do lado do Papai Noel. Ela também levou pra casa com ela uma cópia da receita de torta de canela. Ela me escreveu dizendo que fez a torta para a família e todos gostaram.

Mantivemos o contato. Eu sabia que Barbie estava longe de estar bem. Ela me escrevia cartas detalhadas, e em toda carta havia alguma menção de comida. [...] Ela está com 18 anos agora e ela pediu desculpas pela foto não ser de corpo inteiro. Ela me prometeu mandar uma de corpo inteiro.

Nas últimas dias cartas ela me mandou uma descrição bem completa de anorexia nervosa, porque eu a tratei apenas do primeiro estágio. E normalmente o primeiro estágio é o último. O primeiro estágio é se matar de fome. Eu preveni isso. Durante a fase de fome elas se sentem sem valor, inadequadas, inferiores, e que ninguém gosta delas. [...] Uma vez que você passa deste estágio, elas começam a comer demais e ficam muito obesas. E durante essa fase obesa, se sentem inadequadas, envergonhadas de si mesmas, que ninguém gosta delas, inamáveis, solitárias e deprimidas. Ela foi a um psiquiatra canadense e pediu que a ajudasse passar desse estágio. Ela não precisava mais de mim.

O terceiro estágio é um estágio vacilante. Aumentos repentinos de peso, quedas de volta ao normal, sobe, cai de volta ao normal. E aí vem o último estágio. Barbie disse, “Eu passei por todos os estágios e ainda me sinto inadequada. Essa última foto mostra como eu aparento agora. E meu próximo estágio é criar coragem para sair com um menino”. Escrevi de volta a ela que eu realmente gostaria de vê-la e que ela viesse me visitar. E eu vou manda-la ao Squaw Peak, ao Jardim Botânico, ao Museu Heard, à Galeria de Arte. Farei com que ela tenha um encontro. Aí ela terá terminado.

Ela me escreveu sobre duas outras garotas que sofriam de anorexia nervosa, contando como ela simpatizava por aquelas meninas, e perguntando se teria problema ela ir falar com essas meninas sobre seu próprio caso. Eu escrevi de volta dizendo, “Barbie, quando eu te vi pela primeira vez eu queria ser simpático com você. Eu sabia que se eu fosse, eu te levaria a morte. Então, eu fui o mais duro e cruel que eu podia ser. Então, por favor, não dê a essas meninas sua simpatia. Você só as fará morrer mais cedo”. Barbie escreveu de volta, “Você tem razão Dr. Erickson. Se você tivesse sido simpático de qualquer forma, eu teria achado que você era um mentiroso e eu teria me matado. Mas a forma que você me tratou era tão ruim que eu precisava melhorar”. E mesmo assim, médicos são tão malditamente profissionais, tão dignos, que eles tratam anorexia nervosa “adequadamente” de forma digna com medicação, alimentação por tubos, intravenosa, e o corpo rejeita toda a comida. Eu tornei a comida uma punição que ela pudesse aceitar. Vocês veem, eu acho que é importante trabalhar com o paciente fazendo algo que vá ajuda-lo. Enquanto a minha dignidade... para o inferno com a minha dignidade. (pp. 132–143).

Barbie continuou a corresponder com Erickson até sua morte em 1980, e com a Sra. Erickson até 1985, 11 anos depois. Ela continuou bem fisicamente, psicologicamente e socialmente (O’Hanlon & Hexum, 1990).

5.4) Explicações Clínicas

Uma questão que é discutida sobre o caso, apesar de pequena em comparação a magnitude de seus outros elementos, é sobre a primeira interação de Erickson com a família, especificamente, o pedido de que ligassem novamente depois de dois dias enquanto pensava sobre o caso. Zeig (1985), ao discutir o caso, levanta a hipótese de que tenha sido para aumentar a expectativa e motivação. Ainda que o pedido possa ter aumentado a expectativa, esta hipótese não demonstra em si alguma funcionalidade, algum elemento terapêutico em si, ou informação importante sobre os sujeitos envolvidos na demanda, ou seja, aspectos comuns nas situações em que Erickson prescreveu uma tarefa. O pedido de ligação em dois dias parece mais confirmar a motivação necessária para o tratamento de Barbie, considerando que envolviam uma viagem entre países de cerca de 3.500km e um período de estadia indeterminado. É possível que caso não ligassem após o período pedido, não estivessem de fato crentes que Erickson pudesse ajuda-la, ou dispostos a prosseguir com as instruções fora do comum.

Erickson e Rossi (1979) categorizam a situação emocional de Barbie como um complexo messiânico, que possui características muito específicas. É capaz que devido ao intenso sentimento de inadequação, de inferioridade, e o desprendimento emocional de si e de outros, o sujeito encontre formas de associar estas vivências com figuras ou ideologias religiosas por suas temáticas de renúncia e desapego, somando à configuração uma qualidade de nobreza e moralidade. Logo, o sujeito, de forma dócil e obediente abdica de sua existência, a qual conscientemente percebe como uma renúncia, mas que se sustenta por profunda desvalorização de si, e ressentimento, frustração, medo e raiva reprimida com relação aos pais.

Neste aspecto, esta configuração é demasiadamente traiçoeira aos profissionais de saúde, pois a docilidade, o impacto da imagem de desnutrição, e o papel de vítima facilmente inspiram pena e desejo no profissional de tratar o sujeito com amorosidade. Este tratamento, no entanto, contradiz diretamente os elementos centrais que sustentam a configuração, e decorre

por cessar qualquer possibilidade de reconfiguração quando não reforça hábitos adquiridos de relação que aceleram o processo de auto-destruição, como explicado ao final do caso.

Pode-se conceber que o tratamento de Barbie teve três eixos: 1) a emergência de sua emocionalidade; 2) suas relações familiares e; 3) sua relação com a comida. E estes eixos foram trabalhados por meio de contos de história, dramatizações e prescrições de tarefa. Os contos de histórias não só envolviam várias situações que evocavam todo um espectro de emoções, como demonstrava situações sociais diferentes em que a comida estava envolvida, inclusive como uma forma de demonstração de afeto. Este processo permite que Barbie reestabeleça relações com suas próprias experiências de mundo, sutilmente situando-a nesta realidade.

O drama então foi um dos aspectos de grande importância na intervenção. Erickson desempenha um papel semelhante a um juiz duro e impiedoso que vem a revelar e sentenciar as hipocrisias e ofensas cometidas na família. Este papel provavelmente é exercido desde o primeiro encontro, e presente pelas formas de comunicações não-verbais durante os dois primeiros dias de entrevista. Para o leitor do caso, ele se torna mais claro no momento que não demonstra compaixão ou simpatia por Barbie, que a cobra em suas ofensas e a coloca a aceitar abertamente sua punição como uma questão de justiça.

Posteriormente, utiliza sua autoridade para confrontar as ações da mãe, que exerce um controle excessivo sobre Barbie e ela mesma se mantém abaixo do peso para sua idade e estatura. Logo, deveria sofrer punições como a filha e ser atentamente vigiada por seus parentes a cada refeição. Com seu pai, o repreende por dar mal exemplo à filha por monitorar o próprio peso deixando-o abaixo do ideal propositadamente. E repreende seus irmãos por se manterem passivos enquanto Barbie desistia de si. Erickson demonstra a cada membro da família como falharam entre si, tornando a saúde de Barbie um problema da família e não uma ocorrência isolada. Este tipo de medida permite que a reconfiguração das relações, que já estava em andamento entre Barbie e sua mãe, passem para um nível familiar, com intenção de prevenir

que retornem para casa e retomem os hábitos que possivelmente tenham desencadeado o processo de adoecimento de Barbie.

O papel que Erickson estava desempenhando lhe permitia prescrever tarefas condizentes com a temática de uma justiça ideal e que utilizavam três características apresentadas por Barbie: menina obediente, conexão vaga com ideais nobres e a concepção de ser merecedora de punição. Na primeira oportunidade em que Barbie faz algo prejudicial é ressaltada a necessidade de uma punição de acordo, a qual promete cumprir sem saber o que será, e comer torna-se sua punição merecida.

Sua saúde e nutrição em si, não era motivo de repreendimento. Inclusive, fingiu-se que não havia nada de errado com sua saúde, possivelmente para não ativar as referências de relação que já teve com outros médicos na sua relação com Erickson, e questionar a posição que a mãe estava assumindo na relação, sob a perspectiva de Barbie, contestando seus motivos.

A emocionalidade que já estava sendo movimentada pelos contos de história é colocada contra sua obediência messiânica com a tarefa de bochechar óleo de fígado de bacalhau. É preciso ressaltar que a configuração em questão se encontrava tão adormecida em relação a processos de nível fisiológico que as dores causadas pela fome constante não a impediam de prosseguir atendendo a processos de cunho simbólico. No entanto, não resistiu às sensações que o óleo despertava e rapidamente a repulsa se tornou tamanha que a levou a romper com seu modo de funcionamento. Barbie planejou e executou uma ação desonesta como solução de ritual repulsivo para si e seu corpo, e sentia enorme carga de culpa por isso. Desonestidade e culpa eram experiências completamente contrárias ao complexo messiânico, assim como encerrar um ritual de autodestruição por motivação de processos emocionais e corporais conflitava diretamente com a configuração de sua doença. Logo, as consequências desta tarefa foram vitais para sua reconfiguração.

Após o desarranjo de processos centrais da demanda de Barbie, Erickson aproveita o potencial de uma reorganização colocando sua mãe como companheira na culpa. Barbie não é punida pelo desaparecimento do óleo, ela é prescrita a tarefa de vigiar sua mãe assim como ela a vigiava, após vê-la ser colocada como igual, abaixo do peso e subnutrida. Superficialmente, pode-se pensar que isto tornaria a relação uma disputa por autoridade e possivelmente conflituosa e infrutífera, porém, Barbie passa a ver mãe não mais como uma figura dominadora como no início, mas com quem ela tem uma função nobre a desempenhar, ajudá-la a ficar melhor. De mesma forma, pode ser uma menina obediente, mas não no papel de vítima. Em seguida, quando Barbie delata o momento que sua mãe burlou a regra, e por ventura o seu próprio, Erickson pune ambas conjuntamente. A punição pode ser vista como um momento social onde novas relações podem ser construídas por partilharem a mesma comida, as mesmas circunstâncias e os mesmos sentimentos referentes a Erickson.

A escolha de peso para que pudessem ir para casa se assemelha a um acordo de liberdade condicional, ambas foram oferecidas opções de pesos os quais Erickson considerava ideais e sugestão de concessões aceitáveis. A condição, entretanto, é clara, se Barbie não ganhar mais 5 libras no primeiro mês após ir para casa, deveria retornar à Phoenix. O terapeuta reforça no papel que está exercendo a postura dura e impiedosa, informando as consequências de uma reincidência, caso retornasse, ficaria o tempo que ele quisesse, e que ela com certeza não gostaria disso. Esta tarefa toca dois pontos importantes. Primeiro, mãe e filha têm de trabalhar conjuntamente para ganhar peso e poderem retornar para casa, cada uma tem sua meta a cumprir, mas só estarão liberadas quando ambas cumprirem. Segundo, Barbie não tem opção a não ser melhorar, caso retomassem hábitos antigos no primeiro mês ao voltar para casa, teria de se submeter a Erickson novamente e sob medidas mais extremas e imprevisíveis.

Por último, quando a família vai busca-los, Erickson repreende todos os membros dentro de suas devidas falhas. O papel de juiz severo permanece, e menciona direitos constitucionais

de membros da família que apesar de não possuírem de fato qualquer base legal, dizem respeito a trocas de afeto fundamentais entre eles que foram facilmente negligenciadas. A intenção aparenta ser provocar o mesmo estado de desorganização mental que possibilite novas formas de relações que ocorreu entre a mãe e Barbie, mas em um nível familiar. Assim, todos tinham alguma culpa sobre o estado de Barbie e deviam se organizar mais intimamente e afetivamente enquanto família para o bem-estar de seus membros.

Barbie, ao se despedir de Erickson, recebeu a receita original da torta de canela (Erickson & Rossi, 1979), fazendo referência a umas das principais histórias que contou. Neste caso, um presente a qual foi atribuído grande valor afetivo, para o que poderia ser retornar aos dias na mina onde se comia sempre a mesma coisa, a volta para casa. Barbie estava aprendendo muito sobre cozinha antes de ficar doente, compreendendo o valor afetivo que a comida podia ter em um nível inconsciente, era provável que faria a torta. Apesar das aparências, Barbie de alguma forma compreendeu o afeto que motivava Erickson a ajuda-la não apenas a continuar viva, mas ter uma vida emocionante e de boas relações.

5.5) Explicações Semióticas

Semelhante ao Caso 1, o complexo messiânico de Barbie estabelece condições de tratamento que semioticamente podem ser consideradas um legissigno argumentativo. Devido a profunda desvalorização de si, formas de relação que expressem simpatia, amorosidade, merecimento de algo bom, são interpretados como enganosos e seus emissores como farsantes por ignorarem o fato de que é indigna de coisas boas. Os hábitos interpretativos se guiam por essas premissas de forma deturpada, reafirmando uma lógica de não-pertencimento de mundo.

Nos primeiros dias, Erickson colhe vários índices que vão se agregando e o possibilitando construir um símbolo detalhado sobre a forma de relação atual entre a mãe e a filha. Sua autoridade já está presente simbolicamente pelo contexto, afinal, ele é um médico

pelo qual viajaram mais de três mil quilômetros para visitar, e a generalidade aprendida socialmente de que não se faz isso por qualquer pessoa já atribui a sua figura algum poder. Erickson decide, portanto, utilizar de sua autoridade, e deixa claro para a mãe como ela deve se comportar com uma ordem clara, um índice dicente, ilustrado por um gesto de mão brusco, um ícone metafórico de como deveria se portar.

O papel desempenhado por Erickson vai se desenvolvendo enquanto signo ao longo do caso, mas aparenta iniciar tanto de seu conhecimento prévio de anorexia nervosa e do modo que Barbie se porta com sua mãe e com ele. Suas falas, mesmo quando duras, partem de princípios argumentativos e impessoais, são signos simbólicos representando leis maiores e as aplicando àquela situação singular. Neste sentido, acaba por utilizar a desvalorização de si, e o papel de menina obediente que Barbie desempenha, fazendo-a reconhecer quando errou e concordar que merece ser punida sob decisão do ofendido, ambos possuem as qualidades (ícones) necessárias se enquadraram no rigor ideológico (legissigno argumentativo) da condição de relação. A comida, por ser punição, passa a ser aceita inclusive em nível fisiológico ao invés de ser rejeitada como a comida que recebia forçadamente quando estava internada.

Enquanto as reações do óleo de fígado de bacalhau em si não fazem muita referência ao papel dramático, a forma como a tarefa é proposta faz. Erickson antes de propor a tarefa ressalta dois aspectos importantes na sua relação com Barbie, a sua obrigação quanto a Barbie, e a sua autoridade. Novamente, coloca-se como devoto de princípios maiores assim como representante de um saber, ambos signos simbólicos cujos elementos mais se conectam ao valor de ideais do que vivências singulares. Erickson, assim como Barbie, está obedecendo a um princípio (legissigno), e não a vontades que tenham como finalidade algo para si mesmo. Ademais, não se endereçou a seu estado subnutrido como problema de saúde e não a pede para comer, desvencilhando-se das referências que Barbie tinha de outros médicos que a trataram e de seus próprios pais, que se endereçavam diretamente a subnutrição como um grave problema.

Barbie, provavelmente tentada por poder aderir a um tratamento que não envolvesse comer, se compromete completamente a seguir a única tarefa o que lhe foi proposta e que aparentava simples, logo, também obedeceria a seus legissignos e cumpriria seu dever. No entanto, não é capaz e passa um período considerável de tempo com seu comportamento sendo guiado por uma dimensão primeira que emerge, o sentimento de culpa, o que não é seu habitual.

Um momento decisivo o qual o papel dramático de juiz proporciona é quando inquirir, julga, repreende, e sentencia a mãe em frente a Barbie e a delega um papel. A rigidez entre a forma de agir de Barbie e os legissignos que a regiam se encontrava consideravelmente abalada, e neste momento os signos que geravam sentido sobre sua mãe foram questionados em sua legitimidade por uma autoridade competente. A perspectiva de Barbie sobre sua mãe recebe informações que conflitam diretamente os hábitos de interpretação sobre as ações, motivações e autoridade de sua mãe. Nestas condições, várias outras semioses são iniciadas para que estas informações possam ser processadas de modo que o símbolo retome um funcionamento íntegro, mesmo que gerando sentidos e significações diferentes. Portanto, isto abre brecha para uma reconfiguração na relação de ambas e do modo que Barbie concebe sua mãe, e vice-versa.

Erickson lhe dá a oportunidade de resgatar parcialmente seu hábito de obediência quando a encarrega de vigiar sua mãe, entretanto, a base a qual este hábito aciona para se reerguer é constituída por diversas relações de primeiridade. O espelhamento de ver a mãe sendo julgada como culpada e hipócrita, ao mesmo tempo que se sente culpada; de vigiar a mãe assim como ela a vigia; de delatar seus comportamentos alimentares para médicos assim como ela faz; serem punidas como iguais por suas ofensas e; escolherem conjuntamente suas condições de retornar para casa. Todas essas experiências envolvem aspectos de semelhança em nível alegórico que se tornam elementos constituintes da relação entre Barbie e sua mãe, que muda consideravelmente sob as novas circunstâncias de ambas terem de obedecer a uma figura de autoridade.

Em relação aos familiares, este papel estabelece condições para que ocorram processos reflexivos em torno das influências de suas próprias ações sobre a situação de Barbie, e transmitindo sugestões sobre o direito inerente de expressarem afeto um pelo outro de diversas formas. A intenção, possivelmente, é que toda a família estivesse em um estado de busca de novas formas de relação, e não que o retorno ao convívio familiar retomasse hábitos antigos.

5.6) Iconicidade e Reconfiguração da Experiência

Em termos gerais, o caso de Barbie pode ser sintetizado em um conjunto de configurações entrelaçadas rigidamente, nas quais constam elementos de inferioridade e punição, encobertos por uma aparência de civilidade, tanto da parte da família, como dos profissionais. A postura assumida por Erickson, se assemelhando ao papel de um juiz, parecia transmitir, por iconicidade, uma sequência de processos envolvendo esses mesmos elementos de sentir-se inferior, obediente a leis gerais e punições justas. Um primeiro ponto a ser ressaltado aqui é propriamente o emocional que, de modo protegido, é acessado e fortalecido enquanto um campo de experiência relevante na subjetividade de Barbie. Não há dúvidas de que esta emocionalidade, apesar de aparentar a tempo marginalizada, e sobre o qual não se falava ou sequer fosse objeto de consideração, compunha um campo intensamente impactante na vida da jovem, a ponto mesmo de colocá-la em risco de morte. Mas, possivelmente por não ser tomada em apreciação, seja na fala, ou em reflexões em si, tais emoções, por não serem admitidas, pareciam ser ignoradas ou até ter sua existência negada, em nome de arranjos sociais e familiares rígidos que Barbie parecia acatar sem conhecimento. Desta forma, sua configuração se dispunha de forma tão radical que antes a contestar estes arranjos, suas deliberações sustentariam um ritual de auto-destruição sob falsos pretextos e que a encaminharia a óbito.

Nesse sentido, o que as intervenções de um desagradável juiz autoritário pareciam trazer eram novas formas de conexão com tais emoções, colocando-as acessíveis à influência dos

sujeitos, inclusive da paciente. Ao invés de buscar tornar o inconsciente consciente, como propõem muitas escolas de terapia (Zeig, 2014), esse modo de trabalho permite uma conexão, capaz de rearranjar as configurações a partir das ações concretas dos sujeitos, em suas próprias inserções sociais. Assim, ao falar para a jovem que estava cometendo um crime ao não receber os presentes dos irmãos, ele abria a possibilidade para que, ao aceitar novos presentes, e abrir um espaço relacional de troca social até então barrado pelo modo de relação enrijecido da família. A própria prescrição de enxague da boca com um óleo terrível pode ser concebida como uma alusão à amargura que com frequência aturava. Vale lembrar que essa prescrição é feita sem alusão a sua doença, como se nada houvesse de grave, e com a certeza de Erickson de que a jovem, ao não cumprir até o fim sua prescrição, se sentiria culpada.

Outro tópico importante, profundamente ligado às reconfigurações, é o dos papéis que foram colocados em cena. Quando Erickson julga e condena sua mãe, até então dominadora em alguns momentos, ele a situa na mesma condição de Barbie, tirando-a de uma relação assimétrica que a sufocava, para situa-la num mesmo patamar de incoerência, onde várias relações de iconicidade podem ter sido estabelecidas entre ambas. Mais que isso, é a partir dessa semelhança entre ambas, que ele sugere uma primeira mudança, ao prescrever que a filha cuidasse do peso da mãe, tirando-lhe do papel de doente para coloca-la também no papel de alguém útil na família. Essa movimentação tende a atingir níveis profundos de subjetivação, inclusive de autoimagem e identidade, muito afetado pelo processo anoréxico.

Vale ainda destacar que, ao se dispor a fazer a torta de canela para a família, ela também vivencia processos muito influenciados pela iconicidade. Ela leva consigo o terapeuta, em seu mundo vivido e seu afeto representado na materialidade, principalmente a partir de uma história que muito lhe interessou: a de uma mulher que podia cozinhar e agradar as pessoas, apesar das condições adversas. A mulher da história encarna-se nela, de certa forma, fazendo com que acelerasse seu processo de transformação, com importantes repercussões na família. No

entanto, nesse momento, Erickson não se situava mais como um juiz desagradável, mas como um sábio contador de histórias, que poderia acolher, se aproximar e cuidar dos mais jovens, como ela, Barbie. Em termos de iconicidade, talvez seja possível considerar que essa figura sábia seria um modo de evocação de outros processos distintos na própria jovem, de modo a mobilizar recursos necessários para sua mudança. Contudo, seriam necessários mais elementos para se sustentar e desenvolver esta ideia.

Considerações finais

Este trabalho partiu do objetivo de compreender o papel da iconicidade na comunicação hipnótica, especialmente sua participação na reconfiguração de experiências e o modo que se apresenta nas técnicas hipnóticas de Milton Erickson (Erickson & Rossi, 1980). De início, já se compreendia o teor icônico da comunicação indireta e a possibilidade de serem processadas em nível inconsciente (Neubern, 2016b; Neubern & Nogueira, 2019), no entanto pouco se sabia como as técnicas em si os veiculavam de forma a gerar e constituir processos reconfigurativos.

Observa-se nos casos apresentados que o princípio de utilização (Erickson & Rossi, 1979) tem uma complexidade semiótica considerável nas suas aplicações. Na relação com o outro, ele parte da compreensão do modo de ser do sujeito e isso requer uma captação abrangente dos signos que este transmite. Por eles, busca-se perceber os hábitos de interpretação, a influência que exercem sobre os hábitos de relação social e comunicação assim como as qualidades e sentimentos que predominam em cada um. Desta forma, a iconicidade da utilização se encontra em construir um contexto terapêutico fazendo referência aos signos envolvidos na configuração do sujeito evitando desacordos. Este movimento não é compreendido enquanto uma forma elaborada de manipulação da parte do terapeuta pois sua intenção ao longo do processo se projeta iconicamente frente a disposição de mudança do sujeito. Tanto os sujeitos do caso 1 quanto do caso 2 demonstravam certa hostilidade, e aceitaram propostas de engajamento que tanto respeitavam suas condições e formas de relação por conterem ícones que continham qualidades correspondentes a algo valorizado por eles. Enquanto no caso 3 se deu pela adequação às temáticas de culpa e punição a qual o papel de juiz correspondia alegoricamente.

Junto a este princípio que guia todas as intervenções, as técnicas aparentam abordar a iconicidade de formas específicas, se associando mais a alguns níveis lógicos da comunicação

icônica. O entremeamento tanto no caso 1 e 2 é dotado de características diagramáticas, ele insere signos imagéticos de forma que processamento racional dificilmente compreende, e sugere uma forma relação por demonstração. Assim, o entremeamento não só insere novas qualidades a serem processadas junto no processo de reconfiguração como pode sugerir um direcionamento sobre como ser processada. Dentre a iconicidade, que é por essência Primeiridade, o entremeamento faz mais alusão a uma Secundidade por este caráter diagramático e, de certa forma, diretivo.

O conto de histórias pode veicular descrições que suscitem vários signos imagéticos no sujeito, mas se destacam por sua capacidade de comunicação metafórica e alegórica. Esta forma de comunicação toca processos subjetivos complexos envolvendo autoimagem, representações de si e de outros e sentido de vida, e podem promover uma série de processos reflexivos e reconfigurações. O caso 2 e 3 demonstram como podem veicular entremeamentos concentrados de sugestões ao mesmo tempo que a história em si própria pode se endereçar a outras instâncias lógicas do sujeito. É notável como logicamente a iconicidade da técnica em si predomina em uma dimensão Terceira, por sua possibilidade de representações e de abordar generalidades, mas em sua aplicação suscita várias experiências Primeiras, permitindo que o sujeito vivencie o momento e o enredo que está sendo descrito.

O drama, de forma semelhante ao conto de histórias, estabelece uma forma de transmissão de qualidade sobretudo metafórica e alegórica. Porém, contempla processos culturais e sociais que envolvem mais generalidades narrativas e papéis sociais e familiares e as qualidades e funções que lhe são atribuídas culturalmente. Deste modo que a iconicidade do papel desempenhado por Erickson no caso 3, uma pessoa com poder legítimo de punir, se comunica com instâncias profundas de Barbie, que se julga apenas merecedora de punições, e a partir dali é capaz de propor experiências que acarretariam em uma reconfiguração. A iconicidade do papel dramático acessa conjuntos de hábitos relacionados a figura e as situações

que ele representa e influi em como os processos comunicativos serão interpretados e significados. Assim como o conto de histórias, constitui-se mais de um nível Terceiro por fazer referência a representações explícitas ou implícitas.

Um dos papéis concebíveis da iconicidade da comunicação hipnótica nos casos apresentados é o modo como, em um contexto propício à reconfiguração, esta transmite e suscita no sujeito os ícones que servirão como base para a construção de novos hábitos e possivelmente o abandono de hábitos antigos. No caso 1, os entremeamentos fizeram emergir sentimentos e questionamentos complexos que flexibilizavam o conceito de realidade do sujeito. No caso 2, tanto o conto de histórias fez emergir experiências emocionais ligadas a história de vida do sujeito importantes para os aprendizados em andamento, enquanto os entremeamentos lhe transmitiam metáforas e diagramas de modo a emergir experiências passadas relevantes e fenômenos hipnóticos pertinentes a demanda. No caso 3, a performance dramática transmitiu ícones relacionados a figuras de legitimidade cujas ordens reverteram a rejeição total de comida, e os contos de histórias, frequentemente trouxeram à tona emoções que se encontravam inibidas e eram essenciais para reconfiguração terapêutica. Assim, enquanto a iconicidade do princípio de utilização auxilia na construção do contexto terapêutico, a iconicidade das técnicas permite infusão de uma base qualitativa que ocorre de certa forma distante da consciência e que fundamentará os hábitos que se erguerão.

Dois pontos importantes de se pensar junto aos casos são as noções comuns às escolas de psicologia de padrão e significado (Neubern, 2016b). Uma leitura de padrão, semioticamente relacionado a uma dimensão segunda, poderia ser feita nos casos 1 e 2 compreendendo apenas a forma que a demanda se apresenta mecanicamente e o modo que as sugestões do entremeamento são sequenciadas e se direcionam aspectos racionalmente lógicos da situação que vivem. Seriam podados no caso 1 a maneira que os sentimentos e questões subjetivas são ressaltadas enquanto realidade e como as reflexões propostas sugerem de forma metafórica a

relevância dos sentimentos para se pensar uma postura frente a os outros e a vida. E no caso 2 os recursos emocionais relacionados com a temática do conto de histórias assim como todas as transposições alegóricas que sugeriram a forma que se daria o aprendizado e o potencializaram. Esta perspectiva perde de vista todo o aspecto qualitativo e simbólico que os permeiam em nome de uma lógica linear imposta pela interpretação do leitor, desconsiderando processos de outros níveis lógicos de relação.

Já os casos 2 e 3 poderiam ser sujeitos a uma leitura enclausurada na captação de significados e simbolismos. O caso 2 poderia ser focado nos aspectos de sentido de vida, de crescimento improvável frente a adversidades ou interpretações do tomate enquanto um bom fruto associadas à bexiga, e perder de foco os direcionamentos cuidadosos que foram entremeados de forma a agir na rigidez de seu funcionamento biológico. Enquanto o caso 3 se centraria facilmente nas representações simbólicas entre mãe e filha, a afetividade do ato de alimentação e seus significados em relação ao ato de passar fome, possivelmente considerados desnutrição afetiva da família. Por outro lado, caso priorizasse processos intrapsíquicos, desconsideraria os aspectos relacionais das tarefas propostas e atribuir a mudança terapêutica ao livrar-se na postura dominadora da mãe. Independentemente, esta forma de análise menospreza o nível lógico no qual as tarefas foram propostas e na qual a performance dramática de Erickson se baseia, sabendo que portar-se como um médico comum a levaria a óbito.

Neste sentido, a leitura dos casos, assim como dos processos interventivos, sob uma perspectiva semiótica, com foco na iconicidade, levanta questões sobre a relação entre os níveis lógicos que estão envolvidos nos processos de semiose e compõem a rede de hábitos, e o funcionamento inconsciente. Uma lógica configuracional como proposta por Neubern (2016a; 2018) já considera a articulação entre processos de dimensões lógicas diferentes, sejam estes vitais ou subjetivos. Esta proposta é muito semelhante a rede entrelaçada de hábitos como discutida por Colapietro (2014), na qual sugere hábitos compostos por sistemas complexos de

interpretantes que regem o funcionamento do sujeito. Ambas propostas discutem formas de funcionamento do inconsciente que rompem com a dicotomia de padrão-significado. Colapietro não especifica se a rede que propõe faz alusão apenas a processos psíquicos, sobre os quais desenvolve mais em sua obra, ou se se estende a um nível de subjetivação de processos fisiológicos. As implicações de se pensar hábitos de forma mais próxima a um sistema configuracional e vice-versa pode auxiliar novas formas de se pensar o inconsciente e as trocas semióticas entre hábitos de dimensões distintas. Este tema pode ser desenvolvido em um futuro doutorado.

Referências

- Ardigo, S., Hermann, F., Moret, V., Déramé, L., Giannelli, S., Gold, G. & Pautex, S. (2016). Hypnosis can reduce pain in hospitalized older patients. *BMC Geriatrics*, 16(14).
- Colapietro, V. (2004). Os caminhos do significado: Reflexões sobre a teoria dos interpretantes de Peirce. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 5(1), pp. 11-27.
- Colapietro, V. (2014) *Peirce e a abordagem do self: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana*. (N. Milanez, Trad.) São Paulo: Intermeios. (Obra original publicada em 1989).
- Colapietro V. (2016) Habits, Awareness, and Autonomy. In D. West & M. Anderson (eds.), *Consensus on Peirce's Concept of Habit* (pp. 297-313). Switzerland: Springer
- Erickson, B. A. (2010). What is right with him?: Ericksonian positive psychotherapy in a case of sexual abuse. In G. Burns (Ed.), *Happiness, Healing, Enhancement* (pp. 29-39). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Erickson, M. (1958). Naturalistic techniques of hypnosis. *The American Journal of Clinical Hypnosis*, 1, 3 – 8.
- Erickson, M. (1966). The interspersal hypnotic technique for symptom correction and pain control. *The American Journal of Clinical Hypnosis*. 8, 198-209.
- Erickson, M. (1983). *Life reframing in hypnosis*. New York: Irvington
- Erickson, M., & Rossi, E. (1977). *Hypnotic realities*. New York: Irvington.
- Erickson, M., & Rossi, E. (1979). *Hypnotherapy: an exploratory casebook*. New York: Irvington.
- Erickson, M., & Rossi, E. (1980). *The collected papers of Milton H. Erickson (vol. 1 – 4)*. New York: Irvington.
- Erickson, M., & Zeig, J. (1979). *Advanced techniques of hypnosis & therapy: working with resistance* [DVD]. Phoenix, AZ: Milton H. Erickson Foundation Press.

- Ferreira, M. (2003). *Hipnose na prática clínica*. São Paulo: Atheneu.
- Gallagher, S. (2012). Multiple aspects of agency. *New Ideas in Psychology*, 30, 15-31.
- Haley, J. (1991) *Terapia não-convencional: As técnicas psiquiátricas de Milton H. Erickson*. (N. Telles, Trad.). São Paulo, SP: Summus. (Obra original publicada 1973)
- Hiraga, M., Herlofsky, W., Shinohara, K. & Akita, K. (2015). *Iconicity: East meets West*. London: John Benjamin.
- Jappy, T. (2013). *Introduction to peircean visual semiotics*. New York, NY: Bloomsbury.
- Jensen, M. & Turk, D. (2014) Contributions of psychology to the understanding and treatment of people with chronic pain. *American Psychologist*. 69(2), 105–118.
- Jensen, M., Galer, P., Johnson, L., George, H., Mendoza, M., & Gertz, K. (2016). The associations between pain-related beliefs, pain intensity, and patient functioning: Hypnotizability as a moderator. *The Clinical Journal of Pain*, 32(6), 506-512.
- Keeney, B. (1983). *Aesthetics of change*. New York, NY: Guilford Press
- Mahoney, M. (1991). *Human change processes*. United States of America: Basic Books.
- Martins, F. (2003). *Psicopatologia II: semiologia clínica*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Neubern, M. (2009) *Psicologia, hipnose e subjetividade: revisitando a história*. Belo Horizonte: Diamante.
- Neubern, M. (2012). Drama como proposta de compreensão da clínica de Milton Erickson. *Interação em Psicologia*, 16(2). doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v16i2.25294>
- Neubern, M. (2016a). Hipnose e dores crônicas: rumo a uma perspectiva complexa. *Psicologia em Estudo*, 21 (2), 303 – 312. doi:10.4025/psicoestud.v21i2.30820
- Neubern, M. (2016b). Iconicidade e complexidade na comunicação hipnótica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32 (esp), 1 – 9. doi:10.15900102-3772e32ne217
- Neubern, M. (2016c). Conversando com as dores crônicas: sobre sugestões hipnóticas e níveis de experiência vivida. *Psicologia em Revista*, 22 (3), 636 – 653.

- Neubern, M. (2017). Contribuições da Hipnose para a Pesquisa Qualitativa. *Psico-USF*, 22(2), 361-370. doi:10.1590/1413-82712017220214
- Neubern, M. (2018). Etnopsicologia, hipnose e espiritualidade no brasil. Em: M. Neubern (Org.), *Clínicas do transe* (19-47). Curitiba, PR: Juruá.
- Nöth, W. (2015). Three paradigms of iconicity research in language and literature. In M. Hiraga, W. Herlofsky, K. Shinohara & K. Akita (Eds.), *Iconicity. East meets West* (13-32). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Nöth, W. (2016). Habit, habit change, and the habit of habit change according to Peirce. In D. West & M. Anderson (eds.), *Consensus on Peirce's Concept of Habit* (35-63). Switzerland: Springer.
- O'Hanlon, W. (1994). *Raízes profundas: Fundamentos da terapia e da hipnose de Milton Erickson*. Campinas, SP: PSY II (Obra original publicada em 1987)
- O'Hanlon, W., & Hexum, A. (1990). *An uncommon casebook: The complete clinical work of Milton H. Erickson, M.D.*. New York: W.W. Norton & Company.
- Palazzoli, M., Cirillo, S., Selvini, M. & Sorrentino, A. (1998). *Os jogos psicóticos na família*. São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Peirce, C. (1931–1958). *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Vols. 1–6, C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.). Vols. 7–8, A. Burks (Ed.). Cambridge: Harvard University Press. [citados como CP seguido do volume, ponto, parágrafo]
- Peirce, C. (1998). *The essential Peirce: selected philosophical writings: Vol. 2, 1893-1913*. Peirce Edition Project (Ed.). Bloomington: Indiana University Press. [citado como EP2 seguido do parágrafo]
- Pereira, G. (2017). *Tradução e adaptação de duas escalas de avaliação da hipnotizabilidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. doi:10.11606/D.47.2017.tde-24072017-174315.

- Saltis, J., Tan, S. & Cyna, A. (2017). Hypnosis for pain relief. Em R. Young (org). *Pain Medicine*. Switzerland: Springer International Publishing.
- Santaella, L. (2000). *A teoria geral dos signos: Como as linguagens significam as coisas*. São Paulo, SP: Cengage Learning.
- Santaella, L. (2009). *O que é semiótica*. São Paulo, SP: Braziliense.
- Searle, J. (1997). *The mystery of consciousness*. New York, NY: New York Review
- Vesely, A. (2014). *Wizard of the desert* [DVD]. California: Noetic Films.
- Zeig, J. (1980). *A teaching seminar with Milton H. Erickson M.D.*. New York: Brunner/Mazel.
- Zeig, J. (1985). *Experiencing Erickson: An introduction to the man and his work*. New York: Brunner/Mazel.
- Zeig, J. (2014). *The induction of hypnosis*. Phoenix: Milton Erickson Foundation Press.
- Zeig, J., & Geary, B. (2000). *The letters of Milton H. Erickson*. Phoenix: Zeig, Tucker & Theisen.